

A "Formação" da formação sindical da CUT

CLAUDIO NASCIMENTO

"Geralmente, confundem historiador com antiquário.
Escrever história, ter uma visão dialética do passado e,
eventualmente de suas consequências no presente.
É iluminar o passado no presente, ou vice-versa"
(Sergio Buarque de Holanda)

Para Rolando Fratti e Afonso
Delelis, exemplo da "unidade dos
opostos"

.Introdução

Este trabalho se insere no contexto dos 10 anos da CUT, e na perspectiva do V CONCUT. Sua especificidade advém de ser uma tentativa de sistematização da política nacional de formação, a PNF. Neste sentido, supera o caráter de crônica histórica, pois exige um trabalho de "abstração".

Seu contexto imediato é o da discussão ocorrida no VII ENAFOR, e dos seus desdobramentos, sobretudo, o ENAFOR extra marcado para agosto de 94.

O recém VII ENAFOR (dezembro 1993), assinalou um momento crítico na PNF-CUT. Crise no sentido de ter atingido um patamar em que o futuro do processo implica novos avanços.

Nosso esforço ainda está no nível da sistematização, enquanto primeiro momento do processo de construção de novos conhecimentos, que deve, necessariamente, desembocar no nível da pesquisa, aprofundando e tracando novas conexões e determinações a partir das questões sistematizadas.

Portanto, um "texto-aberto e incompleto", que tem seu sentido maior na possibilidade de vir a ser ampliado.

O "ato de sistematizar" significa que "enquanto produção de conhecimento e início da teorização, a sistematização porta elementos componentes do conhecimento: , processual e permanente; coletiva e ativa. Destacam-se alguns aspectos na sistematização: deve apoiar-se em dois pilares básicos, primeiro: um marco teórico, enquanto Método; segundo: a experiência acumulada, como fonte (o que não significa uma visão linear e/ou quantitativa de acumulo). A sistematização, enquanto reflexão sobre a prática, porta interpretações e avaliações e, se formulam projeções, tanto no campo teórico como no jogo de hipóteses (conjecturas que necessitam de verificação), daí a importância de avançar para o nível da pesquisa. .

No nosso caso, quanto ao método, refere-se ao uso de um instrumental teórico desenvolvido em outro campo e passível de ser usado para o campo da formação.

sindical;outro aspecto,diz respeito a definição de "sistema de formação" e a propria definição de "formação sindical".

Estas questoes assumem uma dimensao importante,devido ao carater ainda incipiente e novo do objeto que analisamos.

De um lado,existe pouco acumulo por parte dos sujeitos. Afinal ,a CUT tem s 10 anos,o que , muito pouco do ponto de vista historico,pensando-se em central sindical.De outro lado,o proprio processo de transição vivido pela sociedade brasileira apresenta muitos contornos indefinidos,que incidem diretamente no projeto sindical cutista;por exemplo,a questao da plena liberdade e organização sindical.

E' necessario considerar que, no campo da formação,houve mudancas profundas na sociedade civil,de 1983 para os dias atuais.Adquiriu autonomia e complexidade,no que dia respeito aos temas,aos atores e as agencias discursivas.

A consulta de documentos,hoje historicos ,tornou-se fundamental para sistematização da experiencia da formação cutista;o mesmo ocorre com todo o material produzido na e pela PNF.As entrevistas com formadores que participam desde o inicio do processo,, outro aspecto importante;sobretudo,descentralizando o processo e incorporando aspectos de outras regioes alem de sul-sudeste.O aspecto da formação rural,calcanhar de aquiles da PNF,tem uma relevancia muito importante.O programa de formação de formadores,assume um destaque fundametal para sistematização da PNF;e',mesmo,o seu leito historico.

Portanto,nestas condicoes,muitos elementos se apresentam "soltos","nao-articulados";alguns poderao estar super e outros subdimensionados. Enfim,, um trabalho que exige tempo qualitativo e condicoes adequadas.O espirito de abertura do texto,advem destes aspectos e,algumas conclusoes,talvez ligeiras e/ou apressadas,refletirao este quadro;apenas a nivel da pesquisa sistematica poderemos atingir patamares superiores a nivel de conhecimento.Sem duvidas,o debate no conjunto dos atores e foruns da formação,e alem destes espacos,nos levar a novos patamares de formulacoes.

Nos anos que seguem,sera' de fundamental importancia que a PNF assimile como politica estrategica,o circuito "formação-sistematização-pesquisa",como componente constitutivo de todo e qualquer trabalho formativo.As condicoes estam dadas,do ponto de vista historico e do acumulo ja' realizado.

O locus desta tarefa,sem duvidas,e' o PFF,seja pelo acumulo desenvolvido,seja pelas afinidades com a tematica em questao.

Este aspecto sera' um dos elementos de um possivel salto qualitativo para as proximas etapas da PNF.

O periodo analisado,abrange do pós-1964 ate os dias atuais. O periodo anterior ao golpe militar,sera' abordado no texto de Silvia Manfredi.

Em termos de inspiração,assinalo tres:

.a propria praxis do autor,sobretudo,a partir de 1974,no campo da formação(CEDI,CEDAC.SNF-CUT e INCA);portanto,um primeiro momento nos chamados Centros de Educação e Assessoria e,num segundo na propria CUT,e no

INCA, esse último uma agência que abrange uma praxis educativa em campos plurais. Esse elemento significa que, no texto, vai uma pequena parcela de testemunho pessoal, que serve para ilustrar as questões maiores.

.em termos de método, a obra de Antonio Candido, "A formação da Literatura Brasileira";

.em termos de análise política, os dois balanços que Eder Sader fez: primeiro, o da POLOP e, segundo, o dos anos 70, na tese: "Quando novos personagens entraram em cena".

O texto destina-se a um número especial da revista "Forma & Conteúdo", da PNF-CUT. Será, também, base para um trabalho maior, que será uma das fontes para o documento a ser discutido no CONAFOR de junho, e enviado para o debate sobre a PNF, durante o mês de julho, até o ENAFOR-extra de agosto.

2. Sobre formação e sistema de formação.

Neste aspecto, há duas questões que são interdependentes. Uma, quando podemos, verdadeiramente, falar de uma PNF da CUT? Outra, a partir daí, o que existia como formação sindical antes deste momento? Como se manifestava, então, o que se chamava de "formação sindical", antes da CUT? Como se constituía enquanto formação sindical? Quais seus atores, temas e público? Qual o papel das ONGs, no período 1964-1983? Com a fundação da CUT, o que mudou?

Enfim, como definir a formação sindical neste período anterior à fundação da CUT?

Outra grande questão: com a CUT, configura-se um sistema nacional de formação! Contudo, em que etapa estamos da construção desse sistema de formação?

Vale salientar que, não existe uma "essência a-histórica" definidora do que seja formação sindical. Contudo, no campo do sindicalismo, há um acúmulo definidor da questão. Trata-se, apenas, de ver como em termos de Brasil, este elemento "universal" se "singulariza", definindo as particularidades de nosso processo.

□ claro que, a fundação da CUT, enquanto constituição de um sujeito autônomo, com seus atores próprios, seus temas, etc, significa um salto adiante no processo. A definição de formação sindical está, portanto, articulada a este sujeito, enquanto agência autônoma e orgânica.

Entretanto, este, um processo instituinte; não, um fato ou um ato. E, assim, a própria PNF reflete este aspecto processual da constituição da CUT.

Vejamos, a partir da elaboração de um dos principais formadores da CUT, Paulo Carvalho, alguns elementos sobre o que, "formação sindical"

"Política de formação, um conjunto de orientações que norteiam a definição e a viabilização de atividades sistemáticas de formação, contribuindo em seu âmbito para a viabilização do projeto político-sindical.

- constituída de vários elementos fundamentais, destacando:

.objetivos políticos gerais

.princípios gerais

.prioridades (temática e de público)

.estrutura organizativa

.direção política

.sistema de operacionalizaçã
.mecanismos de debate-elaboraã
.politica de sustentaã financeira".

Por sua vez, participando dos debates nos anos de 1982-83, isto , no periodo imediato anterior a CUT, assinala alguns aspectos sobre "formaã sindical"

"A formaã sindical , um elemento da estrategia sindical, nao podendo ser concebida como um anexo da pratica sindical e, desenvolvida por Centros de Assessoria e/ou Universidades. Ela , um elemento da pratica sindical, um meio da politica sindical. Seu objetivo nao , o acumulo de conhecimentos pelos militantes, mas, uma formaã coletiva pela e para aã sindical. Significa que politico-ideologico e organicamente, sua dinamica de desenvolvimento deve ser a da logica do sindicalismo".

Definiã na revista PROPOSTA, Fase, no 30.

"O termo formaã sindical , aqui tomado como reflexao coletiva e sistematica da pratica social dos trabalhadores, isto , como o conjunto dos momentos de socializaã e aprofundamento do saber oriundos da sua experiencia de vida e de lutas, de seus problemas comuns, tendo em vista a aã coletiva nos locais de trabalho, nos sindicatos e na sociedade".

3. Atitude metodologica

O trabalho de Antonio Candido sobre a Literatura Brasileira, nos oferece ao nivel do Metodo, elementos preciosos para pensar outra "formaã": a experiencia da formaã sindical cutista. As vantagens da adoã do "metodo critico de A. Candido" vem do fato de permitir,

a. a distinã entre PNF e SistemaNF, priorizando o segundo como uma etapa superior do processo de formaã; deslocando, portanto, o debate da questao da PNF para o do SNF, enriquecendo a polemica;

b. caracterizar melhor os periodos na perspectiva da formaã sindical, sobretudo, as diferencas entre o periodo anterior a CUT e, o posterior;

c. abordar a questao da "heranca" na formaã cutista. a nivel imediato, a divida em relaã com o trabalho dos Centros educaã popular eã nivel imediato, a heranca historica com o proprio movimento operario.

ampliando, podemos abordar a questao das "matrizes culturais" no campo das esquerdas no Brasil; inclusive, nos permite tracar um campo multiplo de matrizes na esquerda, na disputa de hegemonia; uma que foi dominante, analisada por Marilena Chaui: o filao pecebista, de 1922 at, 1977, mais ou menos. Outras, na contra-corrente, por exemplo: um filao constituido por Antonio Candido, Mario Pedrosa, Sergio Buarque de Holanda, sob

inspiração, enquanto "afinidades eletivas", no campo externo, de Mariategui e, no interno, de Mario de Andrade. • uma matriz mais rica em termos de se pensar como poder fecundar um projeto político-pedagógico.

Portanto, o método ajuda a analisar estas necessidades da formação, no sentido de sistematização da sua experiência. Na verdade, A. Candido analisou uma formação que, de certa forma, tem afinidades a nível de método, com a formação da formação sindical da CUT.

Assim, diríamos que "caiu como uma luva", para nosso objetivo.

A. Candido adverte, na introdução a 2ª edição de sua obra, que "há várias maneiras de encarar e de estudar a literatura. Para se configurar como sistema articulado ("rede", no caso da formação sindical), ela depende da existência do triângulo "autor-obra-público", em interação dinâmica, e de uma certa continuidade de tradição".

No caso da formação sindical, ela depende do triângulo "corpo de formadores-programas articulados-público orgânico". Claro, traduzir a estratégia sindical e ter um projeto político-pedagógico que de vida ao circuito "formação-sistematização-pesquisa (publicações). Assim, ela pode se configurar como um sistema-rede.

Quanto a "uma certa continuidade de tradição", define o campo principal de pesquisa da PNF-CUT. Pois, abre um campo imenso no que diz respeito à herança cutista em relação às várias concepções de educação desenvolvidas no Brasil e, de análise das diversas matrizes culturais no campo das esquerdas que têm influenciado a formação. O PNF tem desenvolvido elementos fundamentais neste sentido. Em 1993, realizou alguns seminários abordando estas questões. São pontos de partida para pesquisa.

Parodiando A. Candido quando fala sobre a formação da nossa literatura, podemos dizer que:

"A FORMAÇÃO DA CUT NÃO NASCE, • CLARO, MAS SE CONFIGURA EM 1983"; incorporando o processo formativo que vinha de antes; incorporando a este processo, dois aspectos novos: autonomia e organicidade.

A. Candido assinala, em relação aos períodos literários, que há uma solidariedade estreita entre "Arcadismo" e "Romantismo", pois se a atitude estética os separa radicalmente, a vocação histórica os aproxima.

Ora, o mesmo podemos afirmar sobre a "experiência da formação" no Brasil. Entre o período anterior à CUT, o da "educação popular" e o atual da PNF-CUT, há uma solidariedade estreita; se há separação pela definição dos elementos constitutivos da formação sindical, há aproximação pela "vocação histórica", pelo processo vivido e pela práxis no que respeita à construção coletiva de uma hegemonia popular-democrática.

Assim, os elementos da formação cutista trazem uma carga do passado; não estão isolados do processo de constituição da sociedade civil no seu campo específico da formação. Neste sentido, torna-se estranho se falar de uma metodologia da CUT, pura e isolada. Ela traz consigo a herança de uma tradição, que vai de Paulo Freire, Escola Nova, e de outras várias agências.

Sobre a sua abordagem, Antonio Candido afirma que "este ângulo requer um método que seja histórico e estético ao mesmo tempo. Mostrar como elementos da

formação nacional (dado histórico-social) levam o escritor a escolher e tratar de maneira determinada alguns temas literários (dado estético)".

No campo da formação sindical, igualmente necessitamos de um método, que seja simultaneamente, histórico e lógico; isto é, a necessidade de analisar a experiência da formação no país (em um certo período histórico-social) e, a necessidade de construção de um instrumental teórico que nos permita definir conceitos como "formação sindical", "sistema de formação", etc.

4. Formação como sistema

O autor de "Parceiros do Rio Bonito", afirma que para compreender em que sentido, tomada a palavra formação e porque se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo MANIFESTAÇÕES LITERARIAS, DE LITERATURA PROPRIAMENTE DITA, considerada aqui um SISTEMA de obras ligadas por denominadores comuns..."

No nosso campo, como distinguir, no período em questão (1964-1993), e principalmente até 1983,

as manifestações de formação sindical, da formação sindical propriamente dita, tal qual a entendemos agora, a partir de uma agência autônoma e orgânica ao movimento sindical?

Quais são os denominadores comuns entre as experiências de formação sindical? O que define a PNF-CUT? quais seus elementos constitutivos?

Para literatura, A. Candido define três elementos:

1. um conjunto de produtores literários (rede, formadores, para formação sindical);

2. um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público (formandos orgânicos à CUT);

3. e, um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. (os elementos da metodologia, da formação sindical, da "visão de mundo" inserida na filosofia e pedagogia da PNF; enfim, o que chamamos de "TRONCO COMUM", no conjunto da árvore PNF).

A. Candido parte para definição de uma tradição literária, conceito importante para pensarmos a questão da HERANÇA da CUT, no campo da formação; isto é, o que a central assimilou e o que recusou. Aqui, como já vimos, fundamental a questão das concepções de educação e o das matrizes culturais da esquerda brasileira.

Silvia Manfredi tem abordado o primeiro aspecto e, Marilena Chaui desenvolveu uma pesquisa sobre a matriz cultural dos PCs brasileiros. Silvia tem participado do programa nacional de FF, onde apresenta o resultado de sua pesquisa; por sua vez, M. Chaui participou do Seminário do mesmo programa, ocorrido na Escola de MG em 1993, debatendo sua pesquisa.

Diz Candido: "Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária-especie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento

conjunto, definindo os lineamentos de um todo. □ uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização".

E, "Em fases iniciais, é frequente não encontrarmos esta organização, dada a imaturidade do meio que dificulta a formação dos grupos. a elaboração de uma linguagem própria e o interesse pelas obras. Isto não impede que surjam obras de valor, - seja por força da inspiração individual, seja pela influência de outras literaturas. Mas elas não são representativas de um sistema, significando quando muito o seu esboço. São MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS, ...".

Vejamos estas questões no campo que analisamos.

Na formação sindical, quando podemos falar de um SNF? A partir da CUT(83)? É algo ainda em processo de constituição? Quais suas etapas?

Será que, "manifestações de formação sindical" são as que se desenvolveram junto com as atividades de "educação popular", no período anterior a CUT?

Ou, um SNF poder ter seus elementos principais definidos e constituídos (rede, formadores, público, programas, etc), com a PNF, a partir de 1987? Ou, já na gestão anterior, de 1985-86?

O elemento do "tronco comum", será algo ainda em constituição?

São questões que se poderão ser respondidas, num nível superior de conhecimento a partir da pesquisa.

.....
.

5. Os momentos decisivos

Definir os traços gerais da experiência da formação, no período pós-64, implica abordar aspectos da formação social brasileira desse momento (o dado histórico-social e cultural). Tomamos como indicadores temporais o GOLPE MILITAR(1964) e o VII ENAFOR(1993).

No período que segue ao golpe militar, a questão da formação em geral, pode ser analisada em dois tempos, com um interregno:

1. a época do primeiro ciclo da "Nova Esquerda". Período de 1961 a 1971; tendo como eixo central, o "militarismo" e o "vanguardismo";

2. um interregno, após a derrota dessa esquerda, que vai de 1971 a 1973; uma transição prolongada;

3.a derrota da esquerda, segue-se uma "dispersão" que na maior parte dos casos converge para se reestruturar no campo da "educação popular", incluído o trabalho de "formaçãõ sindical", nos sindicatos e nas Centros de Educação Popular; este período vai de 1974 a 1978..

4.O período que vai de 1978 a 1983, abre um novo ciclo, que podemos sintetizá-lo nas palavras de Eder Sader, concluindo seu livro: "Os movimentos sociais foram um dos elementos da transição política ocorrida entre 1978 e 1985... Apontaram no sentido de uma política constituída a partir das questões da vida cotidiana. Apontaram para uma nova concepção da política, a partir da intervenção direta dos interessados. colocaram a reivindicação da democracia referida às esferas da vida social, em que a população trabalhadora está diretamente implicada: nas fábricas, nos sindicatos, nos serviços públicos e nas administrações nos bairros".

Portanto, a análise precisa tratar de temas como "nova esquerda", novos movimentos sociais ou novos sujeitos. São aspectos importantes para o período em questão, sobretudo, de 1964 a 1978.

Para tal objetivo, começamos pela "Nova esquerda".

. " De Jundiá (São Paulo) às veredas dos sertões da Bahia.

Daniel Aarão Reis define a "nova esquerda", abrangendo com o termo "as organizações e partidos políticos clandestinos que surgiram no país em oposição e como alternativa ao PCB e que se propunham a dirigir as lutas sociais e políticas do povo brasileiro, encaminhando-as no sentido da liquidação da exploração social, da dominação do capital internacional e da construção de uma sociedade socialista".

A data de 1971 torna-se simbólica. Eder SADER, assinala a morte de Marighella como sendo "o ponto de partida do processo de desbaratamento da esquerda revolucionária". Marighella foi assassinado em novembro de 1969.

Por sua vez, "A morte de Lamarca e Barreto, executados pelo Exército no sertão baiano em dezembro de 1971, pode fornecer a data para o fim do ciclo da "esquerda revolucionária". Essa que foi a "nova esquerda" dos anos 60...".

A data de 1961, para definir o início da "nova esquerda", vem da realização do Congresso de fundação da ORM-POLOP, a primeira organização a quebrar o monopólio do PCB, desde 1922. O congresso foi em Jundiá. Para Daniel Aarão, 1971

assinala não apenas 10 anos da "nova esquerda", mas também o início do fim de um primeiro ciclo da Nova esquerda (coincide com a análise de Eder). Mesmo a guerrilha do Araguaia, dirigida pelo PCdoB, não iria alterar este quadro. ocorre uma fase

de transição prolongada até 1973. A distensão "lenta, segura e gradual", iniciada em 1974 (Governo Geisel), e as eleições deste mesmo ano, abriram uma nova conjuntura e um novo ciclo para a esquerda.

A partir da pesquisa de Eder Sader, e do balanço que fez da POLOP, podemos periodizar como segue:

1. 1964-1971. Período da reorganização em seguida ao golpe, sobretudo até 1968, e de início do fim do ciclo da Nova Esquerda (morte de Marighella, em 1969);

2. 1971-1973. Período marcado pela longa fase de transição; segundo expressão de Daniel Aarão, ou, do início da "dispersão da esquerda revolucionária", segundo Eder Sader.

3. 1974-1977, . Reorganização dessa esquerda dispersa; período de reestruturação dos movimentos sociais, e, de auto-crítica das organizações revolucionárias; Abre-se um novo ciclo para esquerda e os movimentos sociais.

4. 1978 - 1983, avanço do movimento sindical-operário...

Nas primeiras frases da Apresentação ao seu "Quando Novos personagens Entraram em cena", Eder Sader nos dá a dimensão e a importância do seu trabalho: "Este texto, produto de uma pesquisa e de uma reflexão sobre novas configurações sociais assumidas pelos trabalhadores da Grande São Paulo no curso da década de 70. Isso que estou chamando de "novas configurações dos trabalhadores" não consiste num fenômeno extensivo ao conjunto da classe, mas, antes, a uma parcela, que constituiu movimentos sociais, com novos padrões de ação coletiva, que nos permitem falar da emergência de novos sujeitos políticos. Considerando que essa emergência abre um novo período na história das classes trabalhadoras em nosso país, eu me propus a investigar circunstâncias e características dessa nova configuração".

Essa "nova configuração" de novos sujeitos, também, iria configurar novas questões para formação política, para educação popular e para formação sindical.

Na verdade, também assinala uma nova configuração para esquerda.

Tudo isso, iria ser determinante no campo da formação e, mais na frente, na formação sindical da CUT.

Eder Sader analisa as três matrizes ou agências do período 1970 -1980, na verdade, 3 instituições em crise. A crise significa, entre outros aspectos, uma ruptura com os padrões existentes no período populista até 1968. O que colocou novas questões para o trabalho de formação da época.

No próprio movimento estudantil da época pós-golpe de 1968, o período de ascensão, foi marcado pela capacidade das suas lideranças em captar os sentimentos do cotidiano dos estudantes, isto é, um trabalho popular em relação às suas bases; e, também, elaborar um programa democrático que teria apoio na sociedade (classe média, liberais); a repressão às lideranças, levou a ter uma organização de base. A mudança viria apenas em 1968, com as lideranças aderindo ao "vanguardismo".

Entretanto, a teoria chegou post festum, pois, se a esquerda só a partir de 1974, reviu seus padrões político-ideológicos, o movimento social desde a segunda metade dos anos 60, reinventava na prática, novos modos de organização e valores. Esse "dado", iria modificar as matrizes discursivas.

Voltemos a Eder:

Em seu balanço da POLOP, a primeira das organizações da "nova esquerda", Sader nos fornece elementos que podem ser generalizados para toda a época em questão, pois, formatam a pauta da esquerda naquele momento.

Assinala um primeiro momento, de 61 a 64, como sendo de luta ideológica contra o reformismo dominante do PCB; segue-se um outro período, de 64 a 67, como de luta ideológica contra o reformismo em crise. Em 68-69, inicia-se o período de ascensão e também de rápido declínio da "nova esquerda". Passemos a palavra ao saudoso Eder Sader.

1. Ascensão e queda do nacionalismo: A PO surge num ambiente ideológico de predomínio incontestado do nacionalismo e do reformismo. E, no entanto, no momento mesmo em que surge já se esgotavam as bases materiais que os sustentavam. Para captarmos o papel da PO naquela conjuntura ser importante examinarmos como a esquerda e o movimento operário reagem ante a crise que se anuncia.

Para a ideologia nacionalista, o desenvolvimento industrial do país traria sua emancipação econômica (pois ele deixaria de ser exportado de primários e importador de industrializados, segundo a divisão de trabalho imposta pelo imperialismo) e liberaria as grandes massas da miséria causada pelo atraso rural (pois industrialização implicaria mercado interno e logo "reforma agrária") e pela espoliação imperialista (dada a dependência da economia agro-exportadora).

A vitória de JK, em 1955, expressa a vitória dessa corrente, que vai desde o PC até o PSD. O predomínio dessa ideologia, tal que desaparecem de cena as próprias categorias marxistas da exploração capitalista e da luta de classes. Constituiu-se o ISEB, matriz ideológica dominante desse pensamento. Mas ainda fora dele, a problemática de sociólogos, a do "desenvolvimento", pelo qual a sociedade transitaria do "rural arcaico" para o "urbano, moderno e desenvolvido"; a dos economistas, a das condições da industrialização. E para o PCB, se trata de promover um desenvolvimento regional autônomo e democrático, concluir a "revolução burguesa" através da eliminação dos traços feudais e semi-coloniais da economia.

A crise do nacionalismo não vir porque o governo de JK abandone o projeto de acumulação industrial acelerado. Pelo contrário, ela, produto direto desse desenvolvimento, sendo o resultado da reação dos trabalhadores ao desenvolvimento capitalista industrial. A industrialização se faz evidentemente às custas de uma intensa exploração da força de trabalho. E ela, além disso, não terá nada a ver com a "emancipação nacional", pois seus agentes principais serão os capitalistas estrangeiros que acorrem ao país. E, finalmente, ela não toca na estrutura fundiária do país...

Ao nível das massas podemos ver que já em 1953, em São Paulo, duas grandes manifestações tinham anunciado suas potencialidades.

A primeira, mais efetiva, foi a grande greve que parou a cidade, abalou toda a estrutura sindical, deslocando os pelegos mais empedernidos e representando uma vitória para o PC que esteve à testa do movimento. Mas essa energia, que no momento ainda se projetava politicamente com uma agitação classista da "panela vazia" contra os

"tubarões", foi em seguida canalizada adequadamente para o apoio aos industriais nacionais e nem sequer a estrutura sindical ser mais questionada.

A segunda explosão foi a da "revolução pelo voto", pela qual Janio Quadros, com um programa moralista contra a corrupção, a inflação e os milionários, derrotou estrondosamente todo o sistema partidário existente. A partir daí ele passou a representar para as grandes massas atingidas pela inflação e pelo desenvolvimento capitalista e sem consciência de sua situação, a grande esperança.

Na medida pois, em que a esquerda, incapaz de apresentar uma perspectiva de classe frente ao desenvolvimento capitalista, a própria classe se divide. Enquanto os setores sindicalmente mais sólidos tendem a apoiar o esquema desenvolvimentista dentro da ótica que lhe dá o PC - pois os reajustes frequentes lhes defendem contra a inflação, apresentada como condição de ampliação dos empregos - os setores menos sindicalizados vão procurar proteger-se através do populismo janista que lhes promete acabar com a "ladrageira" dos "cartolas".

2. O desfecho: De 61 a 64 a crise vem a tona e exige uma decisão. A renúncia de Janio, a tentativa de golpe, a conformação de um movimento pela legalidade e a constituição do governo de Jango, controlado pelo parlamento, abre um período de deliberação acelerada. A burguesia não sente garantias para a continuidade do processo de acumulação diante do vulto das lutas econômicas da classe operária.

Na esquerda, desencadeia-se, então, um processo de radicalização. A revolução cubana já passa a ser o principal estímulo e exemplo a questionar as teses reformistas tradicionais. A partir do movimento camponês se espalham as Ligas camponesas no país, as quais servem de base para o desenvolvimento de uma variada militância que foge dos padrões reformistas vigentes. A Juventude Católica, predominante no movimento universitário, é afetada com a constituição da Ação Popular e o movimento universitário como um todo tender cada vez mais para a esquerda. Finalmente, do próprio PCB desprende-se o PCB do B, reivindicando as posições chinesas.

3. face a crise do reformismo: O golpe de abril encerra toda uma etapa da história brasileira. Mas, no seu momento, esse caráter de irreversibilidade não era ainda evidente. Porque, afinal de contas, a ditadura militar se constituiu em meio a uma intensa crise econômica e política. A diferença, que antes a crise era consequência de um equilíbrio de forças que paralisava o país... Agora, após a vitória política da contra-revolução, a crise já era comandada pela ditadura no sentido da recuperação das condições de acumulação de capital.

Frente ao golpe, os aparelhos reformistas caíram como um castelo de cartas e a perplexidade e a debandada dos dirigentes não são mais que a expressão da miséria de suas concepções. Abre-se um período de crise profunda de seus aparatos, particularmente do PCB. Os setores combativos passam a voltar-se crescentemente para as forças da esquerda revolucionária."

Este período da década de 60, foi definido no que diz respeito à Educação Popular, como de "alfabetização e conscientização".

.....
A "esquerda dispersa" e o paradigma da "educação popular"

Vejamos a análise de Eder sobre o que chamou de "esquerda dispersa" e o papel que teve na educação popular.

Eder analisa as 3 "matrizes discursivas", ou "agências e centros de elaboração discursiva que visam o cotidiano popular e o reelaboram da ótica de uma luta contra as condições dadas.

Para Eder, esta "valorização do cotidiano", uma expressão dos novos projetos e estilos que conformaram os movimentos dos anos 70. Ou, "Militantes e intérpretes dos novos movimentos sociais falam muito do "cotidiano" enquanto lugar de resistência, base desde onde se gesta um projeto autônomo das classes subalternas, livres dos discursos elitistas conformados e institucionalizados em agências que lhes são exteriores".

Prossegue Eder, "Encontramos 3 instituições em crise que abrem espaços para novas elaborações. tendo cada uma experimentado a crise sob a forma de um deslocamento com seus públicos respectivos, essas agências buscam novas vias para reatar suas relações".

1. Da igreja Católica, sofrendo a perda de influência junto ao povo, surgem as CEBs. De grupos de esquerda desarticulados por uma derrota política, surge uma busca de "novas formas de integração com os trabalhadores." da estrutura sindical esvaziada por falta de função, surge um "novo sindicalismo".

Porém, "tanto a incidência social quanto a consistência argumentativa são muito desiguais quando comparamos as 3 agências".

A matriz discursiva da teologia da libertação, que emerge nas CEBs da Igreja, tem raízes mais fundas na cultura popular e apoia-se numa organização bem implantada. beneficia-se do "reconhecimento imediato" estabelecido através da religiosidade popular.

2. A matriz marxista não dispõe dessa base, enfrenta uma profunda crise e ainda os grupos que a sustentavam vinham de uma derrota desarticuladora. Ela traz, no entanto, em seu benefício, um corpo teórico consistentemente elaborado a respeito dos temas da exploração e da luta (e contra) o capitalismo.

3. A matriz sindicalista não extrai sua força nem das tradições populares nem da sistematicidade teórica, mas do lugar institucional em que se situa, lugar constituído para agenciar os conflitos trabalhistas. Por isto mesmo a categoria da eficácia será central nas suas representações".

Eder se detém um pouco mais no caso do "novo sindicalismo": "Na verdade, no caso dos discursos do novo sindicalismo, torna-se mesmo problemático pensar na existência de uma matriz própria até meados da década. Embebidos da cultura constituída e dos discursos dominantes, os discursos do novo sindicalismo são os mais imediatamente aderidos aos conflitos, são os mais "atuais". Eles se constituem operando progressivos deslizamentos de significados nas fissuras dos discursos dominantes, produzidas nos enfrentamentos sociais".

A matriz do "novo sindicalismo" iria se constituir do amálgama de outras matrizes presentes no movimento de lutas contra a "estrutura vertical e corporativa": elementos da matriz cristã e da matriz das organizações de esquerda, e, dos elementos próprios do movimento de reorganização dos trabalhadores, isto é, o cotidiano fabril como espaço estratégico de lutas (sobretudo, para as oposições sindicais) e as questões "mais atuais" do sindicalismo, onde se destaca a estratégia da "eficácia" (sobretudo para o sindicalismo autêntico, único a realizar negociações institucionais).

Enfim, "Os movimentos sociais se constituem recorrendo a tais matrizes, que são adaptadas a cada situação e mescladas também entre si na produção de

falas, personagens e horizontes que se mostraram no final dos anos 70. E eles terao tamb, m modificado as proprias matrizes que os alimentaram".

Estas tres matrizes estarao presentes na "visao de mundo" dos dos primeiros formadores engajados na formaç, o cutista. Essa mistura das 3 agencias discursivas, alem das acomodacoes e modificacoes oriundas do contato com os movimentos sociais, um dos temas mais "espinhosos" do PFF, no sentido de trabalhar as "concepcoes de educaç, o". Pois, a concepç, o cutista, fruto de todo esse complexo quadro.

Tomando a expressao de A. Candido, em referencia a tradiç, o, "um corredor que passa a tocha adiante". para o nosso caso, podemos afirmar que no campo dos formadores cutistas, muitos corredores nao passaram a tocha, outros o fizeram, alguns nao a aceitaram. O que resulta num amalgama rico de elementos oriundos destas matrizes plurais. Vale a imagem de uma "arena formativa", onde as vezes, cada corredor vai para um lado, uma especie de "samba do crioulo doido", na expressao de S. Ponte Preta. No entanto, o que importa, que a chama nao se apaga.

Oxente, "Lenine por Paulo Freire? Tche! Gramsci, uai!

Eder analisa a "esquerda dispersada". Inicia de forma muito simbolica, no sentido de captar o "espírito da epoca":

"Voce trocou Lenin por Paulo Freire!", exclamou indignado um militante dirigindo-se a um conpanheiro seu, que defendia posicoes oposta no congresso de uma organizaç, o de esquerda realizado em 1980".

Prossegue sader, "Eu, que presenciei a confrontaç, o, sç a entenderia melhor depois de reconstituir as atividades de pequenos grupos militantes na periferia, as vezes no interior das estruturas da Igreja, as vezes em iniciativas autonomas. Grupos de militantes desgarrados, dispersados com a desarticulaç, o das organizacoes de esquerda, iam buscar novas formas de "ligaç, o com o povo", alternativas ao vanguardismo derrotado".

Assinala Eder, "Na verdade seu autor de cabeceira nao era o educador cristao exilado do Brasil, mas Antonio Gramsci, cujas teses sobre a cultura popular e sobre o partido como intelectual coletivo pareciam abrir outras pistas para uma pratica politica".

O ato de "torcer o nariz", ou na pratica a teoria, outra!

Eder sintetiza o que outras pesquisas apenas assinalaram. Uma nova pratica politica se iniciava e, o vasto campo da "educaç, o popular" foi um grande laboratorio desta nova experiencia; nao foi o unico. Enfim, a esquerda buscava um publico, outros sujeitos e novas concepcoes.

Diz Eder, "Mas o fato, que, nessa "ida ao povo", buscando ajudar num processo de fazer despertar a "consciencia critica", o metodo Paulo Freire esteve mais presente que os escritos de Gramsci, "Que Fazer?", de Lenin, os livrinhos de Mao ou o "Revoluç, o na revoluç, o", de Debray, de meteorica carreira".

Era uma verdadeira revoluç, o politica, assinalando um novo ciclo para a esquerda e para os movimentos sociais.

Segue Eder, "De um lado, porque um meio dominante de "ligar-se ao povo" foi atraves de processos educativos, a comecar pela alfabetizaç, o. A demanda era grande, e a

atividade -legal e aparentemente inocente- poderia ser bem desempenhada por estudantes avulsos como por militantes organizados. Os novos educadores se debruçaram sobre os livros de Paulo Freire -torceram o nariz para seu idealismo filosófico e seu humanismo cristão- e procuraram absorver suas orientações metodológicas para a alfabetização popular".

Em sua pesquisa, Eder entrevistou muitas pessoas que passaram por esse processo de metamorfose. Penso que cada militante que viveu esta época, conhece muito e muitos que viveram esse processo.

Nesse processo de dispersão da esquerda, adverte Eder, "As características individuais e as trajetórias variam. Encontramos militantes operários que passaram por organizações revolucionárias, se desligaram delas, mantendo no entanto referências ideológicas básicas (na análise e na oposição ao capitalismo, no papel da classe operária, na luta pelo socialismo), e atuando em grupos de fábrica, oposições sindicais, movimentos de bairro que lhes solicitavam novas reflexões.

Encontramos militantes de formação intelectual com a mesma trajetória de desgarramento de suas organizações... Encontramos profissionais sem essa trajetória, sem a passagem por organizações revolucionárias, mas influenciados pelo marxismo... E encontramos, finalmente, células ou militantes avulsos de organizações partidárias que vão para esse trabalho de base e aí recriam políticas e reflexões independentes das estratégias que os enquadravam".

Esse processo de dispersão da esquerda, combinado com elementos das 3 matrizes (tais como voluntarismo, abnegação, mística, etc) iria ser a base para uma dispersão das atividades dos militantes desta época, conformando um "tipo ideal": o MILITONTO. Afinal, estas matrizes enquanto elementos de representação de sujeitos coletivos, representam também, o que R. Williams chamou de "estruturas de sentimento", presentes no campo da disputa pela hegemonia. Assim, "Hegemonia", um conceito que inclui imediatamente, e ultrapassa dois poderosos conceitos anteriores: o de cultura como todo um processo social, no qual os homens definem e modelam as suas vidas, e o de ideologia, em qualquer nível e seus sentidos marxistas... Hegemonia, então, não apenas o nível articulado superior da ideologia, nem são as suas formas de controle... • todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. • um sistema vivido de significados e valores -constitutivo e constituidor- que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente".

A área da educação popular, através dos Centros de Formação e Assessoria, foi um dos locais para onde ocorreu a esquerda dispersa; e, nem todos os Centros estavam na área da Igreja, sobretudo após 1978.

C. veio da militância estudantil, quando em 1968 se engajou numa organização revolucionária; obrigado a deixar seu Estado, ficou desgarrado por um tempo curto e, tentou outras organizações, até ser preso em início dos anos 70.

Após 73, se engajou num Centro de caráter pastoral que tinha atividades como formação e publicação, atingindo o meio pastoral, bairros e oposições sindicais. Com a anistia, em 78 participa da fundação de um Centro, desta feita diretamente ligado a militantes das oposições sindicais, de movimentos de bairro, e pastoral operário com atuação em quase todo o país.

Após 83, participa de uma SEF-CUT.

Sua matriz ideológica, vai de um início em torno dos clássicos do marxismo; num segundo momento, Paulo Freire, Gramsci, enfim, o "marxismo ocidental", teologia da libertação. E, na sua afinidade com esse marxismo (Bloch, Mariategui, Rosa).

Portanto, C. percorre as 3 matrizes discursivas analisadas por Eder. Essa deve ter sido a trajetória da maioria dos militantes que irão compor a formação do cutista, na sua primeira etapa. Uma parte, pode não ter participado das organizações revolucionárias, mas, fez o restante da trajetória e, se formou em Centros onde estavam os que fizeram a luta armada.

Neste sentido, o PFF, um vasto campo para pesquisa de perfil dos

formadores cutistas, de 1987 para cá.

A PO não, mais aquela!

Eder analisa outro ponto importante, "No correr das lutas e na história dos movimentos sociais. As matrizes se mesclaram e se transformaram. Mas as ênfases foram diversas segundo as características específicas dos grupos sociais que as manipularam.

Esse processo de interação entre as 3 agências -mescla, transformação- ocorreu com muitas tensões. Por exemplo, a matriz sindical, ao passo que as lutas nos locais de trabalho conseguia expressão pública nos sindicatos, na instituição, de certa forma "esvaziava" os espaços da matriz da Igreja (no caso a pastoral operária). Esses conflitos eram "ideologizados", pelos agentes de pastoral, nesse exemplo específico, como de "esvaziamento da fé": nos sindicatos, nas assembleias de massa, os operários não podiam manifestar sua fé. Na verdade, ocorria uma competição por "público".

Os militantes cristãos, ao passo que iam conseguindo expressão sindical para suas lutas fabris, de certa forma principalizavam esse espaço sindical, em relação ao pastoral.

Na relação entre a matriz das esquerdas e a sindical, são conhecidos os conflitos, no primeiro momento, nas grandes assembleias de Vila Euclides.

E, na relação entre a matriz da igreja e a das esquerdas, muitos conflitos estavam situados na "rejeição à manipulação" pelas pastorais.

No caso das oposições sindicais, Eder analisa este processo. Partindo de um depoimento de Santo Dias, sobre o trabalho nas fábricas, "A palavra de ordem era trabalhador dentro da fábrica. Entrar dentro da fábrica da forma que fosse possível; procurar sempre fábricas com maior número de operários... quer dizer, a medida que você está numa fábrica maior, o tempo de reconhecimento de que você tem numa atuação, bem mais longo, não? Então o pessoal procurou entrar nas fábricas melhores, maiores, quer com mais peso de classe... e a palavra de ordem era lutar para constituir grupos de fábrica...".

- uma fala que se adapta muitíssimo bem a estratégias da esquerda, no sentido de atingir as fábricas estratégicas e criar coletivos. Contudo, a semelhança, mera coincidência.

A reestruturação do trabalho da OSMSP, em 1975, leva Eder a afirmar: "Todos os depoimentos vinculam essa maior estruturação interna da Oposição a um esforço mais sistemático, com a criação de grupos no interior das fábricas, preocupados em fazer das condições de trabalho os temas de pequenas lutas que mobilizassem os operários localmente. E pode-se constatar, nesse processo, o fortalecimento da corrente vinculada a Pastoral e de militantes avulsos formados nessa prática." Ocorre a dissolução do

"grupo do Dantas", limitado a atuar apenas na época de eleições, e, "As correntes partidárias presentes na Oposição também se enfraquecem".

"Em parte o enfraquecimento, reflexo das derrotas que sofriam no plano político geral, mas também em grande medida expressava suas dificuldades para acompanhar esse processo de organização autônoma da Oposição". Como consequência, alguns grupos reagiram se isolando: "Nesse momento, por exemplo, os trotskistas romperam com a Oposição e constituíram o movimento dos Metalúrgicos Independentes, e a Polop, que também rompeu, constituiu uma Oposição Sindical Proletária".

Eder assinala uma relação rica entre a matriz Igreja (Pastoral Operária) e a matriz sindical (Oposição Sindical): a repressão contribuiu para um corte na história da OSM. Devido às prisões de 1974 (toda a coordenação mais 70 militantes, além de 200 na Wolks no ABC), a sobrevivência da OSM dependeu de espaços e atividades mantidos principalmente pela Pastoral Operária.

A tese de Eder, que, se a OSM "perdia sua identidade de origem (como articulação entre correntes sindicais que se uniam na oposição à diretoria do sindicato) e ia conformando uma outra a partir dos grupos de fábrica. Sç que, nessa passagem, a Pastoral Operária desempenharia um papel predominante, inclusive porque ela se constituiu numa asa protetora para muitos militantes soltos, vindos de grupos da esquerda dizimados pela repressão".

Sen duvidas, contudo, há de se salientar a metodologia de trabalho dos grupos de operários ligados à Igreja: JOC, ACO, e que, também devido à repressão nos anos 60, passaram a constituir as pastorais operárias; de certa forma, a matriz Igreja, tinha uma memória, no campo destes movimentos, de um sindicalismo democrático implantado nas fábricas; esta tradição vinha do trabalho dos "padres operários" europeus que estiveram no Brasil.

Em certo momento, Eder remarca a presença de militantes do PCdoB na Pastoral Operária de SP; contudo, pensamos que, além da combatividade, não tenham marcado as concepções sindicais presentes na Pastoral Operária, como um movimento nacional, sobretudo após 1978.

De qualquer forma, todo esse processo "trata-se da emergência de um "outro discurso" sobre a condição operária".

A "revisão" marxista dos operários revolucionários

Eder Assinala, a especificidade do movimento sindical. "Os movimentos que se constituíram a partir dos trabalhadores qualificados tenderam a apoiar-se na própria importância deste para o processo produtivo. Esses trabalhadores conheceram a importância de seu trabalho tanto no cotidiano fabril quanto nas pequenas lutas que travaram no início da década. Por outro lado, eles constituíam -sob a forma sindical- sujeitos reconhecidos no plano dos direitos. Suas lutas se referiam a um campo legal estabelecido...

"Após 68 e o aniquilamento dos grupos de contestação: A política, a própria "grande política" que parecia condenada.

□ nesse quadro que a luta operária na fábrica, investida como processo de constituição: A política de sujeitos políticos.

Para tal tematização, esses grupos operários encontram as referências da tradição socialista (mais particularmente em sua forma marxista). A fábrica, vista nessa matriz como:

- a) o lugar onde se efetua a exploração dos operários;
- b) o lugar onde se desenvolve uma resistência elementar dos operários a essa exploração, constituindo-se na base de uma luta de classes;
- c) o lugar onde, graças ao trabalho dos operários, se produzem as riquezas da sociedade capitalista.

Dai a referência a si mesmos como membros de uma classe capaz de enfrentar a exploração capitalista e promover uma transformação revolucionária que substitua a sociedade atual por outra, "socialista".

Aqui encontramos as bases para os grupos que trabalharam as matrizes da autonomia e da autogestão. (DESVIOS, CEDAC).

Contudo, Eder assinala uma ruptura com a matriz marxista. "Mas, ao mesmo tempo, há um aspecto fundamental da tradição socialista (transmitida pelo marxismo) que, revisto. Segundo essa tradição, as lutas de fábrica (como qualquer outra luta "local"), deixadas por si mesmas (ou seja, guiadas por sua dinâmica interna), só levam ao aperfeiçoamento do sistema. Por isso, para contribuir para a transformação social devem enquadrar-se numa "luta global", cujo agente, um partido revolucionário...

Na tematização feita pela oposição metalúrgica falta a referência a esse partido e a essa estratégia... Mas essa "revisão" da tradição socialista tem diferentes significados para as diferentes vertentes que compõem a Oposição Metalúrgica"

. Para a Pastoral Operária, a referência central, que está presente nas ações de seus membros, não, a subordinação das "pequenas lutas" a alguma estratégia predefinida...

. Para militantes operários formados na tradição socialista, mas dispersados pelas derrotas das organizações partidárias as quais haviam estado ligados, e desacreditando das propostas partidárias ainda vigentes, permaneciam a referência a um partido e a uma estratégia necessários mas ausentes provisoriamente e deixados entre parênteses. Na falta de um partido e de uma estratégia confiáveis, eles também estimulam toda luta na fábrica na perspectiva da constituição de grupos autônomos.

. Para os militantes que permaneciam membros de organizações partidárias, portadoras de estratégias que designavam o lugar dessas lutas no movimento político mais geral, eles tinham uma presença marcante na primeira metade da década, decaindo progressivamente depois."

Eder fala, então, da incidência social desses grupos: "De qualquer forma, significativo anotar que, conquanto fosse muito importante a presença de destacamentos partidários na oposição metalúrgica, havia uma tal distância entre as referências estratégicas que as informavam e os problemas concretos postos na prática que era muito fraca a incidência daquelas referências sobre essas práticas".

Esses elementos que vão constituir a matriz sindical, centrando seu eixo no cotidiano fabril, nas questões "mais atuais", definiriam o padrão que Eder chamou de EFICÁCIA. Relembremos sua fala: "A matriz sindicalista não extrai sua força nem das tradições populares nem da sistematicidade teórica, mas do lugar institucional em que se situa, lugar constituído para agenciar os conflitos trabalhistas. Por isso mesmo a categoria da eficácia ser central nas suas representações".

Essa matriz,tem dois eixos: as oposicoes sindicais e,o sindicalismo chamado "autentico";ambos teem formas diferenciadas de relacao com as fabricas:o primeiro tem uma relacao direta e,o segundo uma relacao mediada.

Este aspecto iria influir bastante tanto na a.Æo sindical como na forma.Æo,posteriormente.A "eficacia" , o elemento central na matriz sindical;basismo,vanguardismo,sao elementos secundarios,principalmente nas exigencias para forma.Æo pelo movimento.O basismo,centrou-se mais nas pastorais e no movimetno popular,nao exclusiva nem isoladamente;o vanguardismo,incrustou-se mais nos partidos de esquerda,nas mesmas condicoes.

Na forma.Æo,o primeiro seminario nacional ,apos o II CONCURTO(onde houve um debate ideologico acirrado),foi em torno de Concep.Æo e Estrutura sindical(INCA 1987).A polemica saia do campo "pelegos" x cutistas ,para o roprio interior da CUT: sindicalismo de massa,democratico x sindicalismo "revolucionario".

Em seguida teriamos o seminario nacional sobre metodologia(1989).Sao os dois campos em que as matrizes mais incidiam.Assim,a eficacia exigida das lutas nese periodo se incorpora a matriz sindical.Com a funda.Æo da CUT,mesmo passando dos movimentos para o institucional,este aspecto permaneceu.

Diriamos,mesmo,ue um dos elementos da crise de organicidade da PNF,est relacionado a esta questao da eficacia,seja nos programas,seja na metodologia,seja nas financas.

E'comum,falarmos da nao participa.Æo dos dirigentes,dos sindicatos,etc;contudo,estes elementos da PNF(programas,concep.Æo metodologica,etc) sç estam parcialmente dentro do que estamos chamando de "eficacia", como eixo estruturador da matriz sindical.

A ruptura com a tradicao marxista do "partido revolucionario" efetuada pelo "novo sindicalismo",porta consequencias pedagogicas.

Joao Bernardo define a concepcao dos partidos marxistas:"Ensinava-se a pensar(as ideias marxistas)para ensinar a fazer(a destruir o capitalismo).E as grandes polemicas no interior desse quadro doutrinario acerca dos tipos de partido constituiram opcoes sobre as varias maneiras de articular o conteudo do ensino(uma ou outra selecao das teses de Marx) com a forma do ensino(a participacao numa pratica que fosse esclarecendo as ideias aprendidas).Foi muito variado o leque de opcoes,mas todas partilharam,em primeiro lugar,o carater exclusivamente autoritario dessa pedagogia,em que uma fonte unica de saber se defrontava com a universalidade da ignorancia;em segundo lugar,a nocao de que uma pratica eficaz sç poderia desenvolver-se a partir de um quadro ideologico previo".

J os movimentos constituídos a partir de trabalhadores precarios,de donas de casa,de favelados,tendo por base a "esfera da reprodu.Æo",teriam de se apoiar em outras referencias.tinham consciencia da falta de poder de barganha e pressao na esfera da produ.Æo.Desenvolvendo suas reivindicacoes na esfera da reprodu.Æo,nao dispunham de um poder nonivel economico para sustentar seus movimentos.Tampouco podiam apoiar-se no plano legal...Excluidos de empregos estaveis,de direitos consagrados,eles constituiram suas proprias referencias.Apoiando-se na Igreja,encontraram tanto uma

instituiu-se poderosa em condições de proteger suas lutas quanto, principalmente um discurso sobre a solidariedade e a justiça em nome dos quais as travaram.

- verdade que o curso da história dos movimentos daquela década iria também mesclar esses temas e as elaborações feitas sobre eles".

Longe de Eder qualquer dicotomia valorativa entre os da "produção" x os da "reprodução". Numa palestra na Fase-SP (1984), sobre Movimento popular Urbano, afirmava:

"Uma outra questão (estou pensando em voz alta), sobre a limitada experiência do cruzamento do movimento popular com o movimento sindical. Por exemplo, no ABC, a CUT experimenta isso, mas ainda, muito limitado. Eu acho que existem algumas concepções, algumas visões, de parte do sindicalismo, do pensamento político da esquerda tradicional; e aqui o tradicional são os setores que avançaram muito, que romperam com a ortodoxia, mas sempre mantendo-se: o movimento que se dá na produção, um movimento de dinâmica anti capitalista, portanto com projeção revolucionária; um movimento que se dá ao nível da reprodução, um movimento que pode ajudar, mas, necessariamente reformista. Eu acho isso uma bobagem..."

O marxismo "entre parenteses", ou o "paradigma da formiga"

Já vimos que uma das características da resistência dos trabalhadores, foi o trabalho centrado nas bases, nas fábricas. Há uma documentação enorme sobre esse aspecto; contudo, mais uma vez, recorremos a Eder Sader, desta vez junto com Paulo Sandroni.

"Em 1972 as oposições sindicais de caráter classista apresentam-se nas eleições sindicais dos metalúrgicos de SP e do Rio de Janeiro. Elas expressam a presença de um punhado de militantes sindicais, que se opõem não somente às direções pelegas, mas também a própria estrutura sindical atrelada. Sua força advém de um trabalho desenvolvido particularmente no interior das empresas. Entre 1974 e 1977, desenvolve-se grande variedade de "pequenas lutas difíceis", de acordo com a caracterização de alguns militantes sindicais do ABC paulista. As formas de luta mais comuns durante esse período são: as operações-tartaruga -reduzindo a intensidade do trabalho-, pequenas interrupções durante a jornada, recusa de fazer horas extras, manifestações por melhorias na alimentação nos restaurantes das fábricas, nos transportes, nos banheiros, etc, e mesmo greves "legais" por atrasos de pagamento". Eis as "lutas moleculares de resistência"!

A "ida ao povo" por parte da "esquerda dispersa", toma o caráter de assumir as novas práticas do novo sujeito coletivo social. A nível das matrizes, essa prática pressionava pela concreção, pelos problemas locais, cotidianos, pela "paciência pedagógica", pelo "trabalho ao pé do ouvido"; na época, se falava muito do trabalho de "formiga".

"De outro lado, porque através do método Paulo Freire abria-se um lugar para a elaboração crítica e coletiva das experiências da vida individual e social dos educandos. Afinal, deixando-se de lado as polémicas filosóficas, os militantes encontravam orientações educacionais que não estavam muito distantes das formulações de Gramsci".

Este, mais um mérito de Paulo Freire: ter aberto as portas do país para Gramsci entrar.

Eder conclui "Não pretendo dizer com isso que a "educação popular" tenha sido em todas as partes a forma dominante da "nova relação" da esquerda com seu público, mas creio que ela deu o paradigma".

Eder analisa o processo da derrota da esquerda e, sintetiza: "Ser cada vez maior o número de militantes que -individualmente ou em grupos- começam a se desprender dessas organizações e a manter essas atividades junto aos trabalhadores sem as referências totalizadoras das estratégias revolucionárias".

E, "No Brasil, o movimento de ruptura com organizações e estratégias revolucionárias teve, ao menos no início, um caráter bem pragmático. Os militantes não negavam a necessidade teórica de um partido de vanguarda e de uma estratégia revolucionária, mas, como não o encontrassem no momento, deixavam a questão entre parênteses e atuavam sobre aquilo que lhes aparecia, de qualquer modo, como condições indispensáveis para a continuidade da luta. São vários os registros que temos desse processo".

"Como caracterizar os lugares de onde eram emitidas as falas marxistas que contribuíram nas reelaborações das experiências populares nos anos 70?"

Para a Igreja, há as instâncias eclesiais internas, sobretudo a nível dos agentes de pastorais, e, um espaço público sob a forma das CEBs.

Para a esquerda, as instâncias internas, das organizações clandestinas, com um público limitado; os jornais clandestinos, que atingiam um público maior, atuavam como "formadores de opinião", "circulavam pelas oposições sindicais, setores das pastorais, grupos de educação popular, meios intelectuais e sobretudo no movimento estudantil".

Eder assinala que as principais questões do marxismo que circularam mais, foram as que falavam do capitalismo, da exploração da classe operária, das suas formas de luta, das experiências da sua história. Não foram as que tratavam das diretrizes estratégicas, desligadas do cotidiano do movimento. "há, por exemplo, um "curso de formação básica", elaborado originariamente pela Polop, que, com pequenas variações, foi utilizado pelo MEP, MR*, AP, POC e cujas formulações seriam, em maior ou menor medida, absorvidos pelas oposições sindicais, grupos de educação de base e mesmo nos treinamentos pastorais".

Enfim, "Os lugares públicos decisivos onde se reelaboraram as experiências populares foram constituídos pelas pastorais católicas e expressaram essa hegemonia. Mas essas pastorais não tinham um discurso capaz de dar conta dos problemas das lutas de classe e das condições da sociedade capitalista, tal como requeriam os militantes. Foi aí que entraram as teses de uma esquerda dispersada, entraram desarticuladas dos seus discursos de origem, montados como programas e estratégias revolucionárias".

A que herança renunciamos?

"A história sempre acaba por mostrar que não há uma estrada real para a revolução social.

Ela se faz através de caminhos, de atalhos, de veredas, de desvios... (Revista DESVIOS)

O "vanguardismo doutrinário", o "basismo", o "pragmatismo sindical", são elementos constitutivos das 3 matrizes discursivas, representam elementos importantes e fardos pesados na nossa herança.

Mais uma vez, Eder Sader, desta vez na revista "DESVIOS", analisa estas questões.

O basismo e o doutrinarianismo

"Estamos chamando de basista a concepção segundo a qual basta escutar a voz dos dominados para termos uma alternativa política. É de doutrinaria a concepção segundo a qual essa alternativa, deduzida de doutrinas bem estabelecidas".

Estas concepções fazem parte do nosso universo da forma, inclusive combinadas em uma mesma pessoa ou instituição ou política formativa.

No caso da matriz da pastoral popular, Eder analisa o método "VER JULGAR AGIR". "O debate dos temas nas reuniões costuma pautar-se pelo método de "ver-julgar-agir". Com ele se pretende efetuar uma reflexão crítica e voltada para a prática, de modo que as privações vividas deixem de ser consideradas como fatalidades. "Eder analisa cada passo do método e conclui, "Quando observamos o modo de elaboração da realidade usado nas cebs,, difícil não se impressionar com um certo "populismo teórico" com que se pretende valorizar o "saber popular". De um lado, pretende-se que da simples troca de informações e conhecimentos chegue-se a realidade objetiva". Do outro, pressupõe-se a existência dessa realidade objetiva" como um dado irretorquível e sem ambiguidades. Mas o fato, que -por mais ingênuo que seja- a prática desse confronto de informações, avaliações e propostas está ligada a ações que visam mudar a realidade tratada e produz nos participantes uma dimensão crítica e uma capacidade transformadora".

Estas polémicas, entre "basismo" e "doutrinarianismo", forma e conteúdo, etc, estiveram presentes no início da forma sindical cutista e, ainda são questões quentes.

Por exemplo, no campo da metodologia, temos um documento da SNF (out. 1988), em que um ponto se denomina "Basismo e Esquerdismo: erros e desvios". Adentremos um pouco nesse texto:

"A grosso modo, podemos constatar atualmente duas formas de pensar, elaborar a forma sindical, nas quais constatamos erros e desvios: uma que podemos chamar de basista e outra de vanguardista.

A concepção basista tem suas limitações e, do nosso ponto de vista comete equívocos quando:

Nega a importância da teoria como instrumento de qualificação da prática transformadora, negando-se as vezes a trabalhar com os conceitos elaborados e acumulados ao longo da luta histórica dos trabalhadores;

Supervaloriza, por outro lado, a prática, tendo desta uma visão idealista como se ela bastasse por si só. acredita que somente o conhecimento empírico, suficiente para a compreensão da realidade;

Utiliza métodos de trabalho com a visão purista de que todos, educandos e educadores, têm conhecimentos iguais, então o processo de forma se resume na troca de conhecimento do grupo.

A consequência desta metodologia, a perda da qualidade em função da não apropriação pelos trabalhadores de todo um instrumental teórico produzido pela classe, além da falta de um pensamento global do processo, com definição dos objetivos finais, do conteúdo, da metodologia, etc.

A concepção vanguardista, no outro extremo, com uma visão mais dogmática, trabalha com os conhecimentos, as ideias, de forma já pronta e acabada, incorrendo no erro de tentar fazer da teoria uma verdade absoluta e inquestionável. Traz a teoria à luz do debate

sem que haja estreita ligação entre a realidade concreta dos trabalhadores educandos, acreditando que se está criando assim a verdadeira consciência revolucionária. Cabe-nos absorver as virtudes que essas duas concepções possuem, e superar as limitações e os equívocos que elas carregam. Cabe portanto aprofundar a discussão sobre a concepção metodológica que saiba combinar a prática concreta atual e histórica da classe trabalhadora com a teoria que simultaneamente vai sendo elaborada num processo de intervenção dinâmica"

O ponto seguinte trata de "A Busca de uma Concepção Dialética".

Entretanto, após anos e anos de ensaios, muitas dúvidas ainda estão presentes em relação à metodologia dialética.

Documento do CEPIS, "Alguns desafios e polémicas no trabalho de formação de militantes", nos põe algumas questões:

3) Alguns afirmam que esta metodologia de "partir da prática", muito boa para o trabalho de formação de base, mas que, quando estamos formando "quadros" devemos privilegiar a apropriação teórica e que no próprio método de análise marxista já está "embutida" a concepção dialética. Cabe aqui aprofundarmos 3 questões:

1. O que pretendemos por concepção metodológica dialética aplicada aos processos de formação;

2. O papel da teoria nesta concepção; - produção do conhecimento.

3. Se existem diferenças na aplicação desta metodologia conforme os níveis de militância (por ex: "base" e "quadros").

Continua o Documento, "A questão de uma concepção metodológica dialética aplicada aos processos de formação, tem sido compreendida e praticada, às vezes, de forma mecanicista e "ritualista". Após alguns exemplos, o Documento finaliza "Aqui cabe aprofundar de at, que ponto estamos tendo uma prática dialética na aplicação da concepção metodológica dialética e até que ponto temos clara a diferença entre metodologia, métodos e técnicas".

No INCA, espaço privilegiado para estes debates sobre metodologia, os impasses sobre a concepção metodológica dialética persistiam, em 91... Por exemplo, o relatório de uma oficina metodológica do INCA, assessorada por frei Beto, assinala as seguintes questões, importantes para análise da formação do cutista, desde que o INCA foi um dos principais agências dessa formação.

"...uma análise do nosso trabalho na área metodológica. A Apostila número 7 (Metodologia) foi editada em 1987, organizada pela saudosa Cida Romano e composta de textos traduzidos de Oscar Jara e Carlos Nunes, do Grupo Alforja de Educação Popular, amplamente divulgado pelos textos do CEPIS. A contribuição do CEPIS à construção da discussão metodológica no Cajamar precisa ser recuperada e analisada: além de Cida Romano, de lá vieram (ou por lá passaram) Pedro Pontual, Frei Beto, Romualdo Dias, Renata Vilas Boas, Ranulfo Peloso, Helenice (SNF), Jeter (SNF), Leandro Valarelli, Luiz Sérgio e outros, que tiveram diferentes inserções, em diferentes momentos, naquele Centro de Educação Popular."

Um breve parêntese: o autor do relatório assinala um ponto fundamental: haviam matrizes de discurso metodológico oriundas de Centros, formados por militantes

oriundos do processo analisado por Eder para o período 70-80. Estas matrizes se constituem, ou são sistematizadas, nos anos 80. Quais as misturas, mesclas, etc?

"Importante lembrar que durante todo o segundo semestre de 88 realizamos inúmeras plenárias e alguns seminários para discussão de nossa concepção metodológica. Na época fiz parte, com Lucia Santos e Regina Queiroz, de um grupo de trabalho responsável pela sistematização das discussões...

A discussão coletiva do texto por nós elaborado foi difícil (e vendo a distância, não resolveu a polémica que na época era falsamente formulada como "metodologistas x conteudistas"). Alegando que o texto final para o Plano Global estava muito longo e havendo falta de tempo para as reformulações necessárias (que deveriam ser feitas por Rui Falção, época trabalhando no setor de publicações do INCA), foi suprimida a parte referente a essa reflexão teórica...

Mas o que precisa ser dito, embora seja difícil, que a equipe fixa do INCA não chegou a elaborar por escrito suas formulações metodológicas, amarrando os consensos construídos. A Apostila número 7, uma compilação de textos traduzidos do espanhol e a Apostila de Romualdo Dias, uma compilação de textos diversos de sócios e colaboradores do INCA. Embora ambas possuam formulações fundamentais, sem sempre refletirem a prática concreta das salas de aula do INCA. Na sua maior parte, contêm formulações de caráter geral, expressando orientações filosóficas e posturas políticas frente à produção/reprodução do conhecimento. Pouco ou nada dizem sobre os aspectos práticos do ensino: as questões didáticas, as técnicas de ensino e de avaliação, os métodos de planejamento, etc.

Obviamente as formulações existentes são fundamentais para a definição de nossa linha de atuação, orientando politicamente a produção de métodos e técnicas a serem criados/reatados permanentemente. O problema está exatamente aí: este segundo passo que não temos dado. E mais: em muitos momentos desenvolvemos atividades pedagógicas em profundo descompasso com essas orientações metodológicas gerais...

Os cursos de formação de formadores consolidaram-se como o reduto de discussão metodológica no INCA. Por um lado, isto, positivo, porque garantiu um mínimo de reflexão e acúmulo sobre esses temas. Mas há um lado muito ruim: há uma falsa compreensão de que metodologia, um tema específico, a ser apropriado por alguns, como por exemplo o tema História. Estabelece-se, assim, uma separação entre forma e conteúdo que, profundamente anti-dialética. Contrariamente aos temas gerais, o tema metodologia não pode ser propriedade de especialistas...

Por isso, sem nenhum desprezo ao esforço de vários companheiros e aos inúmeros seminários e textos produzidos sobre nossa concepção metodológica, acredito que não é correto afirmar que o INCA possui uma clara formulação de sua opção metodológica...

Dizemos que Marcos Arruda, diferente de Frei Beto que esse, diferente de Pedro Pontual, etc. Mas não conseguimos precisar que diferenças são estas. Por outro lado, fazemos de conta que a antiga polémica entre Wladimir Pomar e Pedro Pontual era mais de caráter pessoal que um confronto político entre diferentes visões sobre forma que estão na base de diferentes concepções políticas que compoem o PT, CUT e Movimento Popular.

...Os avanços que obtivemos nestes 4 anos de INCA são palpáveis e importantes. Hoje a realidade da formação, muito diferente e temos consciência do valor de nossas contribuições. No entanto acho que é importante reforçar a análise crítica e auto-crítica de nossa atuação sob pena de acentuarmos o abismo entre as formulações de intenções (Carta de Princípios) e nossa prática diária".

13 de maio:

O "13 de Maio" tirou um documento em que polemiza com essa concepção metodológica dialética, assinalando a necessidade de um caráter mais rigoroso e científico em sua formulação; cita a "lógica do Capital", de Marx; a questão "do concreto e do abstrato" na produção do conhecimento. Vejamos alguns aspectos desse documento do 13 de maio.

Um primeiro ponto, refere-se a história, assinalando a relação, no campo da educação popular, a um contexto mais amplo: o da evolução das teorias da educação, o Documento assinala a influência da chamada escola nova, e sua polémica com a pedagogia tradicional.

"No campo da educação popular, ou da também chamada "formação política", este embate não aparece desta forma tão pura. Esta polarização aparece na medida naquilo que consensualmente reconhecemos como nossa dupla parte de desenvolvimento ou, se preferirem, nossa dupla herança (grifo nosso): a formação política praticada pelos partidos de esquerda, fundamentalmente o PC, e a concepção de educação dos grupos de base popular no interior da Igreja Católica.

De um lado, a verdade oficial a ser transmitida pelo Partido na forma da linha justa a ser seguida, onde a formação, concebida como um ato de passagem a um conhecimento científico e, portanto, universalmente válido; e do outro, o esforço de partir da vida imediata de uma comunidade, consubstanciado no famoso método do ver, julgar e agir (...)

Esta herança, no entanto, não é uma polaridade de equivalência equilibrada entre as partes que a compõem. Para entendermos as características atuais da prática educativa predominante, preciso destacar o fato de que a influência da educação crítica (não a tradicional praticada pela Igreja, mas a proposta pelo movimento de CEBs), determinante.

isto pode ser comprovado não só pela influência direta que educadores cristãos têm nas práticas e elaborações da atual educação popular, mas pela natureza das preocupações anti-verticalistas, na prioridade do aprender a aprender, na importância atribuída aos conhecimentos populares, entre outros aspectos. Entretanto, seria um erro atribuir uma linha de continuidade a este processo sem ressaltar o fato de que a maioria destes educadores busca hoje realizar uma superação em relação aquela primeira fase da educação de base típica da década de 70 e, até, meados dos anos 80.

Esta superação iria no sentido da crítica aos desvios basistas e a relativização exagerada do conhecimento humano acumulado. Era necessário partir da negação da prática tradicional, mas também estar atento aos riscos da pedagogia do espontâneo, as concessões aos princípios liberais do escolanovismo, que acabavam por reduzir a concepção metodológica ao uso de técnicas participativas e que levavam, ao limite, a reprodução do senso comum encontrado nos diferentes grupos populares.

A superação assim concebida levaria a síntese expressa nos princípios do que veio a se denominar Concepção Metodológica Dialética... levaria a famosa formulação P-T-P."

A proposta do 13 e a polémica

...Acreditamos que um dos aspectos da prática educativa - consideramos mesmo um aspecto fundamental - , o de socializar conceitos e categorias que são ferramentas essenciais para a compreensão e transformação da realidade.

estes conceitos são evidentemente selecionados e neste campo intervêm, temos ciência disto, julgamentos que têm por base considerações valorativas, posicionamento de classe, visão de mundo e subjetividade de quem seleciona. Não consideramos isto como um

problema, pelo fato de que não concebemos nenhuma prática educativa que não proceda desta forma, ainda que no enunciado de suas intenções assim o afirmemos.

Neste campo da escolha, partimos da concepção fundamental que buscamos constituir um movimento de luta dos trabalhadores, que tenha como linha geral de princípios ser anti-capitalista, revolucionário, e apontar para a estratégia de construir o socialismo como via para se chegar a uma sociedade sem classes (ou como se costuma dizer nos enunciados: sem explorados e exploradores). Isto afirmado, nos impõe a tarefa de que os trabalhadores tenham que ter os elementos, ainda que elementos iniciais, para que compreendam o que é, e como funciona o capitalismo, da necessidade de superação revolucionária, das vias e formas empregadas historicamente para este fim, compreendam a noção geral de classes e os meios e instrumentos de classe que se produzem para transformar ou manter determinada sociedade.

Afirmamos que este conhecimento, parte do conhecimento humano acumulado e produzido socialmente, a parte que conscientemente selecionamos e buscamos os meios para que seja incorporada ao conhecimento daqueles que hoje querem transformar a sociedade.

Não afirmamos que são simples conceitos, são conceitos históricos, produzidos em determinados contextos concretos e respondendo a determinadas necessidades contextualizadas historicamente. Neste sentido, selecionamos também conteúdos históricos que julgamos serem fundamentais para compreensão não só de certos conceitos, mas do próprio funcionamento e forma da sociedade atual.

Neste ponto, alguns aspectos, segundo nossa reflexão bastante relevantes, intervêm na política. Seriam eles: premissa a partir da realidade concreta de cada grupo e a questão da produção coletiva do conhecimento.

Dizíamos existir um campo de concordância na afirmação de que há um conhecimento anterior que devemos socializar, mas isto, aparentemente, se choca com a primeira afirmação do procedimento relativo ... chamada concepção metodológica dialética, ou seja: partir da realidade imediata. Afinal, no mesmo texto anteriormente citado, Marcos Arruda afirmou :

"(...)O nosso ponto de partida para a educação nova e diferente deve ser aquilo que os trabalhadores trazem para os cursos de formação, começando a construir para além do que eles já conhecem, restituindo, recapitulando e integrando todo este conhecimento no seu próprio processo de crítica (...). Somente tomando como ponto de partida o próprio trabalhador e seu conhecimento, que podemos valorizar esse conhecimento e fazê-lo transfigurar a si próprio" (idem pg.26).

Desta maneira, qual seria o verdadeiro ponto de partida, o conhecimento universal acumulado ou o trabalhador concreto e seu conhecimento? Ao que parece, poderíamos cair numa polarização mecânica, e portanto em negação da intenção dialética afirmada, onde partir do conhecimento universal negaria o trabalhador concreto e seu conhecimento, e pelo inverso, partir deste implicaria em relativizar ou relegar o conhecimento sistematizado.

(Síntese teórico/prática-patamar para nova ação)

Esta compreensão faz com que no âmbito formativo a equação apareça invertida, onde o concreto aparece como teoria no ponto inicial do movimento particular. Este fato não deveria parecer estranho, ao menos para aqueles que pretendem construir uma concepção dialética.

Quando Marx trabalha a relação entre o concreto e o pensamento, o faz para além da visão mecânica do materialismo, que atribuía a relação simples da matéria como base para o pensamento como reprodução desta matéria.

Neste sentido aquele concreto imediato, aparente, é uma abstração ("uma representação cética do todo"). Apesar de ser o verdadeiro ponto de partida, ele aparece no pensamento como síntese, como resultado. Ele é apropriado pelo pensamento através da análise num método que assim descrito como o de "elevator do abstrato ao concreto". Assim, todo o processo transcorre no campo da abstração, da lógica, o que levaria a ilusão hegeliana do pensamento produzir-se a si mesmo.

Existe assim uma nítida diferença entre dois processos interligados mas distintos: o do conhecimento e o da gênese do concreto.

Pensamos que no âmbito específico da formação falamos sempre de um concreto o qual, sem processo próprio de gênese e de evolução, é exterior ... prática educativa. O que se materializa na atividade formativa são mediações deste concreto expressas através de valores, linguagem, conduta, posturas, relatos e pessoas portadores de concepções sistematizadas ou não, e que mediatizam nelas relações de classes, contextos e conjunturas históricas, vontades e desejos.

Assim, aquela prática que resgatamos no início de uma atividade aparece transformada no seu contrário, aparece teorizada. Mas para que ela seja teorizada, necessitaria uma teoria, uma preocupação metodológica, a intenção de traduzir conceitos e tudo isto está dado antes do esforço de resgatar a prática.

Diante destas afirmações, como ficaria a questão da produção coletiva do conhecimento? Pelo que exposto, fica implícito que todo o esforço vai no sentido de vivenciar o significado do conceito que se espera socializar. Neste sentido, o conceito, algo novo, que passa a ser incorporado aquele conhecimento do trabalhador, é recriado para outro contexto e outro significado. Isto se produziu de novo. No entanto reafirmamos que o conceito existia antes e foi produzido em outro contexto. Ele, assim, foi socializado de forma e por meio de técnicas coletivas mas não foi produzido no âmbito do seminário.

Acreditamos que existe um risco em procurar identificar o espaço da socialização com o da socialização do conhecimento. Talvez este seja um elemento: sem a incorporação e real apreensão dos conceitos e conteúdos sistematizados e, além disso, nos indagamos se desta forma não nos distanciamos das intransferíveis tarefas de pesquisa e elaboração que exigem outras condições que não as que normalmente se apresentam em nossos espaços formativos.

Na rede nacional de formadores, surgem ensaios de sistematização e pesquisa dos elementos metodológicos da PNF-CUT. Por exemplo, Francisco J.R. Alves (Kiko) tem como tema de sua dissertação de mestrado (UFMG), a "metodologia de formação sindical cutista, desafios teóricos e práticos".

Kiko traz um aporte a partir da visão gramsciana do "trabalho como princípio educativo". Vejamos algumas questões que ele assinala em seu projeto de dissertação.

"Tomando-se como ponto de partida, a proposta de formação da central, baseada em seus princípios de concepção e prática, (classismo, democracia, vinculação, bases, etc) e também a proposta metodológica expressa como princípio da própria política, como materializa-los numa atividade pedagógica concreta?"

Se do ponto de vista metodológico a prática deve ser o ponto de partida do processo de conhecimento, qual a prática a ser tomada como central em uma atividade específica?

Apesar de ser uma proposição de princípios da CUT, esta não conseguiu ainda alterar, significativamente, a estrutura sindical corporativa, que influencia, de forma concreta, a prática cotidiana de seus sindicalistas e também os formadores. O corporativismo e o verticalismo da estrutura sindical deixam de ser meros verbetes e devem ser considerados como elementos que marcam de forma definitiva, a experiência e a prática sindicais. Como podemos considerar e refletir essa questão quando tomamos a prática juntamente com toda a problemática que a define, como ponto de partida do conhecimento?

A prática de que estamos falando se constitui de diversos elementos e momentos, podendo a eles serem atribuídos pesos diferentes, no que diz respeito a sua dimensão educativa.

Se temos práticas que são educativas e, nesse caso, estamos lidando com a prática de "trabalhadores" devemos dar ao "trabalho" enquanto prática, um peso primordial. Então de que forma o trabalho deve ser considerado nas atividades formativas? Como conteúdo, na relação teórica e prática? Como a teoria do trabalho, como princípio educativo pode contribuir de forma operacional nas atividades concretas?

A questão central da operacionalidade metodológica, apesar de todo o debate desenvolvido e mesmo os textos já existentes, ainda carece de orientações mais precisas.

Apesar de todos os avanços e reflexões o eixo PTP (uma PRÁTICA, deve ser teorizada e refletida na tentativa de construção de uma nova PRÁTICA) mesmo que de forma redutivista, o que tem orientado as diferentes operacionalizações de atividades."

Kiko cita S. Manfredi, "...diferentes educadores (formadores) seguindo uma mesma proposta metodológica (conjunto de princípios mais estratégia técnico operacional) podem produzir e criar métodos diferenciados, isto é, podem criar e desenvolver ordenações diferentes que tenham como matriz a mesma proposta metodológica"

Kiko conclui, Percebe-se então, que mesmo com as propostas de procedimentos, temos uma ampla margem de "espaço vazio" na metodologia

Da mesma forma, quando da realização do VII ENAFOR, de modo informal, alguns formadores discutiam essa necessidade. Em 91, O SENAP e a Escola Quilombos dos Palmares, promoveu um curso sobre "A lógica dialética no Capital" e suas consequências para a formação, do ponto de vista da metodologia.

"

Estas questões foram muito debatidas e, ainda o são. O curso de FdeF dedica uma boa parte de seu tempo a elas, apresentando avanços importantes.

O próprio INCA, a partir de 92 reformulou seu setor de coordenação pedagógica, assumindo o desafio da formulação de um projeto pedagógico da entidade.

A revista "Forma & Conteúdo" tem sido um espaço de reflexão permanente sobre esses temas.

CEPS e História Social

Para muitos formadores, a relação entre as matrizes culturais e a formação, algo distante e "abstrato". No entanto, podemos nos referir à experiência do Programa CEPS no INCA.

A presença de um grupo de mestrando na UNICAMP (Hélio Costa, Paulo Fontes, Alexandre Fortes), com um grande debate acumulado no campo da História Social, na perspectiva do inglês E.P. THOMPSON, provocou um debate mais amplo em torno da concepção de história, de classe, de prática, foi possível um avanço maior em conteúdo e metodologia.

Esse processo trouxe, de certa forma, uma ruptura epistemológica com os conceitos anteriores, tipo: modo de produção, economia, prática, classe social, dialética, progresso. Enfim, uma nova concepção de história e de classe. Essa mudança, permitiu avanços metodológicos importantes, como por exemplo, o chamado "Túnel do Tempo", que explicita outro modo de ver a questão do tempo, da experiência e da cultura.

A análise realizada por Eder mostra uma ruptura, sobretudo, a partir de 1974, com a praxis tanto do período antes de 64, quanto do período que vai do golpe até, 1973. O surgimento de um "novo sujeito" vai repor velhas questões, entretanto, em novos parâmetros. Muitos elementos do que existia antes vão estar presentes no novo ciclo. Contudo, este aspecto nos chama a atenção para a questão das concepções de educação, da herança da CUT.

Mas, afinal, de que sujeito(s) estamos falando?

Quais as matrizes da "esquerda dispersa" nos anos 70? Paulo Freire, Gramsci? O que permaneceu da "ortodoxia dos PCs e afins"? São questões importantes para pesquisas futuras.

Marilena Chaui, em prefácio ao livro de Eder Sader, tece comentários muito interessantes."

"Por que sujeito novo?" Antes de mais nada, porque criado pelos próprios movimentos sociais populares do período: sua prática os põe como sujeitos sem que teorias prévias os houvessem constituído ou designado. Em segundo lugar, porque se trata de um sujeito coletivo e descentralizado... Em terceiro lugar, porque, um sujeito que, embora coletivo, não se apresenta como portador da universalidade definida a partir de uma organização determinada... Referido à Igreja, ao sindicato e às esquerdas, o novo sujeito nelas não encontra o velho centro, pois já não são centros organizadores no sentido clássico e sim "instituições em crise"... Em suma, os antigos centros organizadores, em crise, são desfeitos e refeitos sob a ação simultânea de novos discursos e práticas que informam os movimentos sociais populares, seus sujeitos...
... Porém, sujeito novo ainda noutro sentido, pois os traços anteriores revelam ser uma determinação decisiva desse sujeito histórico a defesa da autonomia dos movimentos, tendendo a romper com a tradição sociopolítica da tutela e da cooptação e, por isso mesmo, fazendo a política criar novos lugares para exercitar-se... aqueles onde se efetua a experiência do cotidiano popular".

Uma certa "esquizofrenia ideológica"

E, a "Nova Esquerda", seria, verdadeiramente, tão nova? Que herança trazia do passado?

Marco Aurélio Garcia assinala a continuidade: "A 'nova esquerda' revive em sua vertente clássica o dualismo condições objetivas/condições subjetivas, considerando que estão reunidas as primeiras para que se faça a revolução, faltando apenas as segundas, isto é, o partido, ou a vanguarda, em sentido mais genérico. Produz-se uma particular articulação de determinismo econômico e voluntarismo político".

Portanto, os novos movimentos sociais criaram um campo político e semântico que portavam um certo grau de antagonismo com os velhos paradigmas da esquerda pecebista e mesmo com a "nova esquerda". Como diria Eder, "....."

As questões estratégicas da esquerda conflitavam com as questões do cotidiano dos movimentos. Eder assinalou que "A dualidade entre as estratégias revolucionárias e os acompanhamentos das pequenas atividades de reaglutinação dos trabalhadores produzia uma certa esquizofrenia ideológica. Os temas centrais - cujas definições cimentavam a coesão de cada grupo ou alimentavam as polémicas e provocavam as crises - referiam-se em geral ao "caráter da sociedade brasileira" (capitalista? semi-feudal?, neocolonial?), ao "caráter da revolução" (socialista? popular? democrática? de libertação nacional), ao papel das classes nesse processo, aos rumos para a construção (ou fortalecimento) do partido revolucionário. Principalmente a partir de 1974, o lugar das lutas pelas liberdades democráticas foi outra questão polémica central, o que, de algum modo, indicava a aproximação realizada em direção aos temas postos pela conjuntura concreta.

Finaliza Eder: "Mas o fato, que os problemas suscitados especificamente pelas atividades de reaglutinação e lutas dos trabalhadores não encontravam espaço nas polemicas que polarizavam os embates ideológicos. Assim, a significativa presença dos militantes das organizações revolucionárias nesses movimentos deixou relativamente poucos registros no meio de uma abundante literatura clandestina".

Já no referido balanço da POLOP, Eder fazia referência a este aspecto "esquizofrênico": "...frente a um ascenso de lutas -principalmente estudantis e de outras categorias intelectuais- de tipo democrático, a PO reforça sua postura sectária, condenando-as como "manobras burguesas". A argumentação então desenvolvida já não, tanto para intervir no movimento real mas fundamentalmente para defender-se dele". (grifo nosso).

A partir do conceito habermasiano de "espaço público", Eder analisa as 3 matrizes.

Eder põe-se a questão de "Como caracterizar os lugares de onde eram emitidas as falas marxistas que contribuíram nas reelaborações das experiências populares nos anos 70?"

No caso do cristianismo das pastorais da Igreja, pudemos identificar, além das instâncias eclesiais internas, que reuniam apenas os agentes pastorais, um espaço público sob a forma das cebs. Foi a partir daí que os discursos da Igreja foram reelaborados em função das experiências de seu público. No caso da esquerda, a situação, mais complicada. As instâncias internas, no caso, são as organizações clandestinas. Mas essa própria situação de clandestinidade definia um "público" quase conspirativo: eram os próprios militantes e, dentro de suas áreas de influência, aqueles restritos setores nos quais se poderia ter confiança para entregar um documento clandestino. Essa relação com seu "público" definia sua linguagem, referida a um universo de significados decifrado apenas por essa franja reduzida de leitores. • certo que havia também os jornais clandestinos voltados para um público mais amplo, e que houve um aumento deles na segunda metade da década. Procuravam tratar das questões de atualidade e, nesse sentido, atuaram como "formadores de opinião" entre militantes de movimentos sociais. Circulavam pelas oposições sindicais, setores das pastorais, grupos de educação popular, meios intelectuais e sobretudo no movimento estudantil"

"Por meio deles as diferentes organizações disputavam sua influência entre as denominadas "lideranças sociais". Mas, obrigados à clandestinidade, tampouco puderam constituir verdadeiramente um público. Procurando referir as questões da atualidade à luta revolucionária contra o regime, tinham por público os setores que de algum modo reconheciam tal problemática. Nesses setores -importantes por sua liderança intelectual- as mensagens emitidas encontravam ressonância. Mas mesmo essa ressonância foi diminuindo na medida em que as mensagens manifestavam uma enorme falta de aderência à realidade vivida pela população. Incapazes de tratá-la através dos termos em que era vivida no cotidiano popular, mostravam-se sobretudo inatuais".

"E por isso mesmo os aspectos das formulações marxistas que circularam mais fluentemente e desempenharam importante papel nas elaborações dos movimentos sociais não foram os referidos às diretrizes estratégicas e nem mesmo as palavras de ordem; foram principalmente os que falavam do funcionamento do capitalismo, da exploração da classe operária, das suas formas de luta, das experiências da sua história".

Quanto aos próprios agentes, "Mas também, como já vimos, uma parcela crescente dos portadores das falas marxistas não estava mais ligada a organizações com programas e estratégias definidas. Nutriam-se de teses formuladas no Cebrap, no jornal Opinião, em cursos e debates universitários, em autores como Gramsci. Particularmente importantes, então, foram trabalhos sobre experiências significativas para a constitui-

de uma historia e de uma identidade coletiva sobre: o "populismo",o golpe de 64,o PCB e o reformismo,a greve de Osasco...".

Portanto,nao , por acaso que muitas praticas de formaçãõ,posteriormente a esse periodo,terao seus programas recheados destes elementos que Eder assinalou:"modo de produçãõ,classes,economicismo,etc.Por exemplo,no INCA,o primeiro projeto de publicacoes refletia claramente esse contexto.Assim,uma serie intitulada "Como Tratar" previa os seguintes textos:

a questao da religiao e da igreja;
a questao do trotskismo
a questao do satlinismo
a questao do leninismo
a questao do marxismo
a questao da America Latina.

Na Colecao Universidade Livre do Trabalhador,previa-se os seguintes textso:

Sociedade e politica
Socialismo
Economia
Revolucoes
Lutas populares.

A serie Sociedade e Politica,compreendia os seguintes componentes:

1.As classes e a luta de classes.

A producao,as relacoes com a natureza e entre os homens para realiza-la;modo de producao e formacao social;classes e luta de classes;a ideologia,o Estado e a dominacao de classe;relacao entre economia,ideologia e politica;

2.Os movimentos da Sociedade.

A transformacao das classes e os diversos momentos do processo;as conjunturas;os metodos de analise;exemplos de analise pelo emtodo historico;acao das classes e correlacao de forcas politicas;

3.Reforma e revolucao.

Conceito e pratica de reforma e revolucao na acao das classes;origens e componentes da estrategia e tatica;condicoes para a elaboracao da estrategia e das taticas;relacao entre reforma e revolucao e entre estrategia e tatica;

4.A sociedade capitalista brasileira.

Os meios de producao;economia mercantil simples e economia mercantil capitalista;a divisao social do trabalho e a forca de trabalho;classes e relacoes de classe;o Estado brasileiro como elemento economico e social;

5.para onde vai o capitalismo brasileiro?

O processo de expansao da economia capitalista e as tendencias de agucamento das contradicoes de classe;as crises do capitalismo brasileiro nos anos 60,70,80 e o papel do Estado;

6.A democracia brasileira

7. Partidos políticos
8. A ideologia brasileira
9. Os trabalhadores
10. Trabalhadores e proprietários
11. A burguesia
12. Os latifundiários
13. Os marginalizados

Por sua vez, a série "Socialismo" previa os seguintes temas:

1. nascimento do socialismo
 2. O materialismo histórico
 3. O socialismo como instrumento político
 4. O socialismo nas revoluções do Século XX
 5. Primeiros problemas da transição socialista
- Seguem uma série de estudos de experiências de construção do socialismo em diversos continentes.

6. A formação sindical no período.

A experiência de formação situava-se, principalmente, no campo dos chamados CENTROS DE EDUCAÇÃO POPULAR. Hoje, têm o nome genérico de ONGs. A formação sindical estava limitada a algumas experiências de sindicatos.

No período que abrange de 1974 a 1977, o da reconstrução e reorganização dos movimentos populares, a experiência de formação popular, e sindical, desenvolvia-se nos seguintes campos:

.campo da Igreja, sobretudo, das pastorais:

CPT(1973), CIMI(1975), CPO(1978), CEBs,, articuladas com os Centros de Educação Popular.

.em alguns sindicatos, como capacitação profissional, legislação trabalhista., as vezes, assessorados por Centros de Educação e assessoria.

.nas oposições sindicais, sobretudo após 78.

As pastorais se constituíram, enquanto organizações nacionais, articulando as lutas desenvolvidas desde o início dos anos 70, sobretudo lutas locais.

Organizações da Igreja católica, tais ACO, JOC, desenvolviam até 78, um trabalho educativo com seus integrantes, porém bastante fechado. Nos anos seguintes, seriam "superadas" pelas pastorais populares, com um trabalho mais amplo.

A "outra" UNIDADE SINDICAL: O escritório de apoio à oposição sindical

No campo das oposições, no período de 1966 a 1974, assinalamos o trabalho de articulação e formação dos companheiros da oposição metalúrgica de SP, junto com

companheiros do Rio e assessorados por um Centro de educação popular do Rio, que cuidava das questões metodológicas.

Sua importância advém de que estava eixado na nova dinâmica do movimento, a partir do cotidiano das fábricas e, buscava uma articulação mais ampla, a nível nacional. Também, apesar da época (1967-1974), não tinha laços orgânicos com os grupos armados.

Este trabalho foi interrompido em 1974, quando "toda a coordenação da oposição sindical e mais 70 militantes foram presos. Entre eles estavam Waldemar Rossi, Vito Gianotti, Antonio Flores", e mais algumas pessoas do Rio. Esse trabalho tinha extensões em outros Estados. Alguns militantes tiveram que ir para o exílio, constituindo assim, um grupo de apoio às oposições sindicais no Brasil, junto com alguns "banidos" que já se encontravam fora do país, como Ze Ibrahim, Gregório Bezerra, Afonso Delelis, Rolando Fratti, Manuel da Conceição, Roberto Morena, entre outros. Entre suas atividades, editavam o Boletim "UNIDADE SINDICAL" (em francês, espanhol), chegando a realizar um grande Encontro sindical, com presença das principais centrais europeias (Bruxelas, 1978). Estiveram presentes 4 militantes do "interior": Z, Pedro (oposição metalúrgica Osasco), Hélio Bombardi (oposição metalúrgica SP), Antonio Portella (bancários SP), Ademir (de Contagem)..

Posteriormente, o nome do Boletim foi usado pelos sindicalistas do PCB (Hércules Correia, Lindolfo Silva, Tenorinho), quando retornaram com a anistia.

Este trabalho foi fundamental para o lançamento da CUT no campo internacional. Em 1982, na época da Comissão pro-CUT, uma delegação foi à Europa para articular o apoio à fundação da CUT; era formada por 4 sindicalistas: Jacó Bittar (futuro responsável da SRI), Jorge Bittar (Sindicato Engenheiros RIO), Ferreirinha (oposição metalúrgica Rio) e Z, Ibrahim (assessor do CAPPS-SP).

Os companheiros exilados, receberam um apoio enorme das centrais europeias, com destaque para a CFDT. A partir da volta do exílio, muitas atividades formativas foram feitas com presença daquelas centrais. Por exemplo, em 1980, um Seminário nacional sobre sindicalismo, promovido pelo CEDAC, com participação da CFDT. Em maio 1983, o Seminário Sindical Nacional. Em 1984, o Seminário Nacional da Metalurgia (BH), promovido pelo CEDAC e pelo INF-CUT, com apoio da CFDT, CISL e CSN (Canadá). Do lado do INF, o acordo foi realizado por Valdo, Jacó Bittar e Meneghelli. Pois, só com o I CONCURTO (agosto de 84), a CUT teria uma secretaria de formação.

Vale destacar o Seminário Internacional sobre Centrais Sindicais (os trabalhadores e a economia), promovido pelo ILDES, em novembro 1983.

.Os Centros de educação popular

Em 1989, Pedro Pontual analisou o papel e a história destes Centros. Advertia, no início, que a multiplicação crescente dos Centros e a sua diversidade, tornam complexa a tarefa de tentar elaborar uma caracterização global do papel e da atuação destes Centros".

A maioria dos Centros nasceu após o golpe militar de 64. A ditadura desarticulou as organizações populares e, os programas e experiências de educação popular da

epoca. Assim, esses Centros de Assessoria, pesquisa e educação, nascem numa conjuntura de resistência e de tentativa de rearticulação das lutas e organizações populares.

Ao contrário do período pre-golpe, as iniciativas são fora do aparato estatal e com caráter localizado e fragmentado. Segundo Pontual, "os centros passaram a se constituir praticamente na única alternativa possível para o prosseguimento de uma militância política e do trabalho educativo".

Pontual traça 3 períodos históricos para caracterizar esses Centros:

1. período de 1964 a 1974 - conjuntura de resistência;
2. período de 1974 a 1984 - rearticulação e reconstrução das organizações populares;
3. 1984 a 1989 - busca de consolidação das organizações populares.

Como vemos, aproxima-se da periodização a partir de Eder Sader, especificamente para esquerda.

1961-1964: crítica ao nacionalismo

1964-1968: crítica ao reformismo

1969-1973: resistência e dispersão

1974-1978: novo ciclo

No primeiro período, as lutas locais de pequenos grupos, adquirem uma expressão pública com o movimento estudantil em 1968 e, com as greves de Osasco e Contagem, a partir da organização nos locais de trabalho. Por sua vez, o movimento estudantil tinha um caráter popular e de organização de base.

A edição do AI-5, em dezembro desse ano, significou um retomada da repressão.

Pedro elenca os espaços de luta do período:

.a luta sindical, via oposições sindicais, que apesar de existirem grupos de fábricas, tinha seu espaço nos bairros e nas pastorais;

.o bairro (como local) e a pastoral popular (como espaço) eram as duas principais esferas populares de organização.

.o quadro político-partidário institucional, com poucas alternativas de participação popular.

.a repressão estatal não permitia o uso das possíveis "brechas" e "contradições", para práticas da educação popular.

A Igreja, neste quadro, assumiu papel fundamental. Vários Centros vão surgir desta vertente, de caráter pastoral e popular; há uma segunda vertente de Centros, sobretudo de pesquisa, que se criaram a partir de pessoas excluídas da Universidade, e que desenvolvem um trabalho de resistência democrática (tipo CEBRAP, CEDEC).

No segundo período (1974-1978), a característica básica, a rearticulação e reconstrução das organizações populares. Conquistas de novos espaços além da pastoral

popular;surgem movimentos especificos(mulheres,negros,indios),cresce o movimento sindical urbano e rural.Surgem novos partidos.E,a "abertura politica"

Diante desse quadro os Centros refizeram suas opcoes,nas seguintes linhas:

.Centros com atuaçao mais local,outros mais a nivel regional e outros a nivel nacional;

.uns com o trabalho de acompanhar e assessorar direta aos movimentos;

.outros no campo da documentaçao e publicacoes populares,criando-se inclusive uma "imprensa mimeografada",distribuida para todo o pais pelo CPV

.outros na area da pesquisa (CEBRAP,CEDEC)

.quanto ao publico:alguns trabalham com os agentes de pastorais

.outros ,o trabalho direto com as lideranacs

.quanto as faixas de atuaçao: uns mais ligados as pastorais populares;outros a faixa sindical.A maioria optou por programas educativos juntos aos diversos espacos de organizaçao popular: pastoral,periferia urbana,sindicalismo urbano e rural;alguns optaram por espaco exclusivo,tipo,sindicalismo rural ou urbano:oposicoes sindicais.

Nesse periodo,surgem novas caracterizacoes dos Centros:

.redefiniçao dos que ja existiam para atuar mais no sindicalismo;

.criaçao de novos Centros,

alguns foram criados a partir da volta dos exilados,inclusive sindicalistas;

.alguns,mais recentes,surgem de diretorias cassadas de seus sindicatos,

.h organismo da Igreja catolica,com estrutura nacional(com boletim,liberados,estrutura propria),que assume um trabalho de formaçao junto ao movimento popular no campo e na cidade(CPO,CPT,CEBs,CIMICDDH)

.Com a reforma partidaria,em 1979,surgem novos partidos e,alguns com Centros proprios de formaçao,como a Fundaçao Wilson Pinheiro-PT

Surgem Centros para atender a lutas especificas do movimento popular:

Comunicaçao,Assessoria juridica

A Universidade se estende ao movimento popular:PUC-SP,UNIMED-Piracicaba,etc

Enfim,os Centros combinaram duas funcoes: 1.na area da formaçao,capacitaçao politica e metodologia;2.na rearticulaçao das lutas e organizacoes,participando de eleicoes sindicais,greves,encontros de articulacoes(ENTOES,ANAMPOS,ENOS,etc)

A partir de 1977, surgiu o Encontro nacional de Centros de Documentação, a partir do Encontro de Vitória: cerca de 12 Centros estavam nesta iniciativa, entre eles: CPV, CEAS, CEDI, Pastoral de Vitória, SEDIPO de Recife, etc. Um dos principais objetivos foi o de articular a imprensa mimeografada do país.

Com a "abertura política" e, sobretudo, após 77 (luta pela reposição e luta estudantil), começou a discussão sobre os partidos políticos. Foi um debate muito difícil e sem transparência; por exemplo, o simples fato de pautar a discussão, despertava sentimentos de que a reunião em questão tinha algo a ver com propostas de criar um "novo partido".

Sobretudo, no campo das pastorais populares, onde dominava uma "rejeição política", enquanto rejeição a manipulação.

Algumas agências exemplificam muito bem esse processo analisado por Eder Sader. Assim, a Pastoral Operária, um belo exemplo da mescla de matrizes.

Vejamos algumas agências:

. A CNPO, articulando um vasto movimento espalhado na cidade e no campo, surge em 1978. Esse processo implicava um grande trabalho de formação política nos Estados, até se darem as condições objetivas para uma existência nacional.

A CPO, um belo exemplo dos vários fatores que, neste período, atuaram no movimento popular. Por exemplo, sua assessoria expressava a mistura de pessoas oriundas de várias experiências: foi, inicialmente, formada por Frei Beto, Frei Eliseu (Cebi), W. Rossi, Ze Ibrahim, Claudio Nascimento, Piragibe Castro Alves, João Paulo Pires, cada um numa área específica. Nos anos 80, incorporaria Marcos Arruda, Betinho.

O núcleo inicial compunha-se, entre outros, de militantes do movimento sindical (Rossi, Santo Dias, Anísio, Ferreirinha, João Paulo, Gilberto Carvalho); dos bispos D. Claudio Hummes, D. Valdir Calheiros, D. Adriano - Nova Iguaçu era a sede da CNPO -, D. Pele, D. Padim, entre outros. Desde o início, desenvolveu um trabalho de capacitação sindical em vários estados. Em 80, com a CNBB, publicou uma brochura sobre a questão operária, apresentando uma nova visão do sindicalismo, e que serviu de instrumento para formação de seus militantes. Aqui, ocorre a mescla das matrizes, de que nos fala Eder: o conteúdo provinha da análise acumulada pelos grupos da esquerda e, a metodologia dos grupos de base da Igreja ou dos centros de Educação popular.

Compôs uma equipe de formação, assessorada por Marcos Arruda, onde estavam pessoas como W. Rossi, Adriano Sandri (MG), Dari (PR), Franklin (RS).

O HISTÓRICO

O quarto plano bienal (1977-78) da CNBB previu dentro do programa Pastoral Urbana, dois encontros sobre pastoral operária. O primeiro seminário de estudos foi realizado em Nova Iguaçu (novembro 1977), com a participação de 54 leigos, 5 religiosos(as), 15 padres e 7 bispos, de todas as regiões do país.

Vamos destacar os aspectos que dizem respeito ao objeto de análise. Entre as exigências decorrentes da situação vivida, destacaram-se as seguintes:

- . organização de grupos de base nas fábricas;
- . fortalecimento da oposição sindical;
- . organização das comunidades de base;

.valorizacao das pequenas acoes,criando a consciencia coletiva de classe;independencia das organizacoes operarias.

Foram escolhidas para analise,experiencias feitas em fabricas,bairros,favelas e de acao pastoral operaria.

1.Experiencias de fabrica:

.objetivos visados:

.oposicao sindical,formando uma comissao de reivindicacao,assumindo a diretoria do sindicato;

.organizacao de classe;

.conscientizacao de menores;

.processo de libertacao.

.meios usados:

.comissoes em cada secao de trabalho;

.contatos informais com os colegas;

.conquista da amizade e confianca;

.formacao de grupos com numero reduzido de membros para maior integracao;

.reunioes fora da fabrica;

.abaixo-assinados;

.distribuicao de material;

.confianca e consulta ao sindicato;

.grupos de estudo coordenados;

.assembleia geral.

.Resultados obtidos:

.comissao permanente na fabrica;

.grupo permanente ligado a outras fabricas;etc

3.Experiencias de bairro:

.objetivos visados:

.ajudar o povo a assumir os problemas de sua vida,como habitacao,saneamento,etc

.engajar outros grupos,atrves da acao no movimento operario popular;

.promover a educacao coletiva de moradores...

.Meios usados:

.trabalho junto com jovens...

.pesquisa historica da area com a participacao do povo;

.grupos de reflexao com planejamento e avaliacao;

.estudos da historia da classe operaria...

.assembleia de mobilizacao e coordenacao:fabrica,bairro;

.nucleos de coordenacao.

.Resultados obtidos:

.no bairro:

.reivindicacao:agua,luz,onibus,escola;

.eleicoes:voto consciente

.entrosamento:fabrica e bairro

.permanencia na area

.independencia dos lideres

.grupos operarios onstituidos

.ligacao de grupos ao movimento operario popular

.consciencia da necessidade de articulacao

Seguem as experiencias em favelas e,as de acao pastoral operaria.Vejamos alguns aspectos dessa ultima.

meios:

- .formacao de grupos por vizinhanca
- .formacao de grupos nas fabricas
- .encontros para aprofundamento da acao
- .coordenacao dos elementos de diferentes grupos
- .estudo da historia da classe operaria
- .formacao de grupos de CEBs

O Encontro termina por tracar pistas concretas de acao:

1.Nivel local,

- .manter e multiplicar o trabalho com a base(fabrica,bairros,favelas,etc)
- .promover encontros e cursos sempre de acordo com a realidade;
- .defender a autonomia do movimento operario;
- .promover intercambio entre a classe operaria e rural;
- .aproximar-se dos sindicatos.

2.nivel nacional:

- .aproveitar ao maximo a equipe de articulacao;
- .realizar encontro nacional da pastoral operaria,precido por regionais;
- .estabelecer contato e colaboracao com a CPT.

O segundo encontro se realizou em dezembro de 1978(Nova iguacu).Participaram 45 pessoas.O tema central foi "Questoes de fundo da PO no Brasil".O primeiro elemento de analise foi a condicao operaria no Brasil;para tal,foi elaborado um documento,depois publicado pela CNBB,"Pastoral Operaria"(fev.79).

Esse texto foi preparado pelo CEDAC;serviria de subsidio para formacao dos militantes da PO.

Nesse encontro se realizou uma analise do historico da PO,em seguida,foram analisadas cerca de 30 experiencias de todo o pais.

No historico,destacamos:

Pelos anos 1973-74,bispos e padres reuniram-se para estudar a situacao dos setores populares e a acao da pastoral popular.Em fev.de 74,em Salvador,30 pessoas para aprofundar essa reflexao.Decidiu-se pela articulacao do trabalho.Formou-se uma pequena equipe(MG,Rio,Par e SP).Tinha como tarefa mapear as experiencias de PO em curso.No final desse ano,essa equipe se reuniu,ampliada para 10 pessoas.

Em 1975,ocorreram duas reunioes em SP:Freguesia do O',e,no Sion.O objetivo foi a tentativa de elaborar um metodo de analise e leitura da conjuntura,a partir das experiencias,dos fatos e dos acontecimentos.

Ainda em 75,houve o primeiro encontro regional,no RS,com mais de 100 agentes pastorais da regioao sul.Em Goiania,surge a CPT.

Em 1976,num encontro em Nova iguacu(RJ),aprofunda-se a necessidade de articulacao.Nesse ano,no Seinario de Ipiranga,ocorre o primeiro encontro nacional.Em 1977,80 pessoas participam de uma avaliacao desse processo.Enfim,ocorreriam os dois encontros de nova iguacu(77 e 78).

desse trabalho ,surge a Comissao (nacional) de PO.Em caracter provisorio,tinha a seguinte composicao:

Dom Claudio Hummes

Dom Jose Maria Pires

Dom Waldir Calheiros

Pe.Agostinho Pretto

Maria Angelina de Oliveira

Geraldo Fco Barbosa
Waldemar Rossi
Pe.Humberto plummen
Anisio Batista de Oliveira
Maria carvalho de Menezes
Pe.Raimundo Jos, A.Soaes
Gerson F.Diniz

As funcoes de capacitaç#o politica e de participaç#o direta na organizaç#o popular, significava um trabalho de articulaç#o de militantes

. Por exemplo, o CEDAC-Rio surge por volta de 1978, e dele, surgiram varios Centros nos estados, tendo grande influencia no meio pastoral, popular e sindical.

O IBASE, surge em 1981, logo apos a volta de Betinho ;contudo, seu projeto ja estava delineado no exilio. Especializa-se em informacoes e analises das politicas de governo. A saida de Marcos Arruda, levou a formaç#o do PACS, com area de aç#o no Cone Sul.

O IDAC-RIO, foi criado em Genebra, no exilio. Teve atuaç#o em varios paises antes de vir para o Brasil :Italia, Africa.

.Da mesma forma, o CEDAC teve seu embriao no Coletivo Paulo Freire, atuando em conjunto com o CEDAL-franca na formaç#o de militantes.

” O CEPIS, surge em 1977, "com o objetivo de se contrapor ao projeto da ditadura no campo politico e ideologico, ou seja, com o objetivo de dar batalha a uma estrategia de "cooptaç#o por partes".

o CEDI, existia desde os anos 60; fazia parte de um amplo movimento na America latina(SIAL).

. A FASE, surge em 1961, com influencias da politica da "Alianca para o Progresso" e com uma postura assistencial nos primeiros anos

.O 13 de MAIO, formou-se em 1982, "aglutinando companheiros que j desenvolviam atividades de organizacao e educacao popular desde a decada de 70, ou mesmo antes".

DA ANAMPOS AS ONGs

Na segunda metade dos anos 70, a proposta de articulacao dos movimentos sociais se daria em torno da Anampos. Sem duvidas, uma proposta carregada de tensoes politicas. Contudo, j na segunda metade da decada de 80, a discussao tomaria outra perspectiva para os Centros de formacao. As lutas tambem assumiam outro carater cada vez mais no sentido da cidadania: diretas j ,constituente, etc.

A discussao sobre as ONGs, surgiria na decada de 80. Betinho assinala : "Ao completar dez anos de existencia(91), o IBASE faz uma reflexao sobre o que as ONGs

representaram para o desenvolvimento de uma consciencia social independente do Estado...

Depois de muito tempo trabalhando em silencio,na obscuridade,e quase na clandestinidade,as ONGs adquirem uma grande notoriedade no plano internacional e um progressivo reconhecimento no plano nacional"

"As ONGs brasileira ,sem sua grande maioria,nasceram em funçãO e em consequencia da luta politica da sociedade civil contra o regime autoritario que se implantou,para servir ao grande capital,em 1964 .Nasce contra o Estado e de costas para o mercado,ou a margem dele(leia-se grande capital),que havia se apropriado do estado e passava a reprimir a sociedade a partir dele.

"A maioria das ONGs brasileira nasce entre as decadas de 60 e 80,e se caracterizam por uma existencia quase clandestina,ligada aos movimentos sociais de base,as Igrejas,aos movimentos sindicais e populares,executando tarefas fundamentalmente nas areas de educaçãO,saude,habitaçãO,organizaçãO,assessoria e consultoria a esses movimentos chamados "populares"(leia-se sociedade civil pobre e reprimida".

Em 1991,no RIO,apos um Encontro Mundial de ONGs do Norte e do SUL,numa reuniao do Forum nacional das ONGs brasileiras, foi fundada a ABONG;j existiam "foruns" estaduais e regionais .

Durante a realizaçãO do FORUM GLOBAL,em 1992 no Rio,ocorreu o FORUM Internacional das ONGs.

Pesquisa feita pelo ISER,no Encontro Mundial em 91,destaca alguns aspectos importantes das ONGs:

- .perfil dos "funcionarios" das ONGs,
- .14% se diziam "marxistas-revisionistas" nos anos 70;
- .17% foram presos pelo regime militar
- .25% sao padres ou religiosos
- .76% vivem do trabalho na ONG
- .75% votaram em Lula,no 1 turno em 1989
- .56% trabalham em mais de uma ONG

Jorge E.Durao,presidente da ABONG,refletia em 91:"A curiosa expressao "ONGs WELFARE",cunhada com ironia e inteligencia por Betinho,alude a um fenomeno para o qual j vinhamos alertando h um bom tempo nas discussoes entre ONGs sobre a cooperaçãO internacional,e tambem no debate interno da FASE:a "descoberta" das ONGs e suas qualidades pelo BANCO MUNDIAL,governos de paises capitalistas do Norte,etc.essa "descoberta" se d num contexto politico bem preciso: o da imposiçãO,aos paises dominados e excluidos dos beneficios do desenvolvimento,das chamadas politicas de ajuste estrutural,cuja contrapartida , a busca de supostos mecanismos compensatorios dos drasticos efeitos dessas polticas sobre as condicoes de vida dos povos do terceiro Mundo".

Jorge Durao,passa a palavra a Betinho:esse assinala que esta descoberta traz ,de forma contraditoria,uma dimensao positiva e uma armadilha:"De fato,as ONGs foram tudo o que disseram delas:honestas,flexiveis,eficientes,abnegadas.Geraram exemplos notaveis e apresentaram solucoes concretas,apesar de parciais,para os problemas globais.Mas elas nao podem substituir os Estados,nem domesticar as chamadas forcas livres do mercado.As ONGs sao simplesmente atores sociais da sociedade civil,entre outros,trabalhando pela construçãO de sociedades democraticas,ou simplesmente sofrendo com sua ausencia".

Na verdade, os antigos Centros de Educação Popular e Assessoria, passaram a usar a denominação de ONGs, assumindo portanto o papel que duramente conquistaram na sociedade civil.

As ONGs assumem mais claramente as lutas cívicas. A partir das "diretas j" (84), da participação popular na Constituinte (86-87-88), da campanha "ética na política", no impeachment de Collor, e, recentemente na luta dos comitês pela cidadania e contra a fome, assumem o verdadeiro papel de instrumentos da sociedade civil; muito mais que os partidos e os movimentos sociais (por exemplo, as centrais sindicais, em crise diante das transformações globais; do movimento popular que não consegue atingir um novo patamar de formas de luta e organização).

.....

O movimento sindical pos-1978: do Estado à Sociedade Civil

Voltemos a Eder Sader, "A novidade eclodida em 1978 foi primeiramente enunciada sob a forma de imagens, narrativas e análises referindo-se a grupos populares os mais diversos que irrompiam na cena pública reivindicando seus direitos, a começar pelo primeiro, pelo direito de reivindicar. O impacto dos movimentos sociais em 1978 levou a uma revalorização de práticas sociais presentes no cotidiano popular, ofuscadas pelas modalidades dominantes de sua representação. Foram assim redescobertos movimentos sociais desde sua gestação no curso da década de 70. Eles foram vistos, então, pelas suas linguagens, pelos lugares de onde se manifestavam, pelos valores que professavam, como indicadores da emergência de novas identidades coletivas. Tratava-se de uma novidade no real e nas categorias de representação do real".

Linguagens, lugares, valores, identidades coletivas, real e sua representação: são categorias que adquiriam novos contornos. Seria apenas um movimento intelectual. Eder cita Weffort,

"...a 'invenção' de que fala Weffort, assinalando o campo das experiências vividas de onde brotam as especulações teóricas. Foi da experiência do fechamento do Estado que ele deixou de ser visto como o parâmetro no qual se media a relevância de cada manifestação social. Começam a surgir interrogações sobre as potencialidades de movimentos sociais que se poderiam desenvolver fora da institucionalidade estatal. Como disse Weffort, esse não é um movimento puramente intelectual. As ideias aqui correspondem - isto é, tanto manifestam quanto produzem - emergência de novos padrões de práticas coletivas"; conclui Sader:

"essa nova valorização da 'sociedade civil' expressava uma alteração de posições e significados na sociedade, que se mostravam tanto nas categorias de pensamento quanto nas orientações das ações sociais".

"De onde ninguém esperava, pareciam emergir novos sujeitos coletivos, que criavam seu próprio espaço e requeriam novas categorias para sua inteligibilidade". Aqui, ocorreriam as tensões com as velhas matrizes; contudo, estas tiveram que se metamorfosear diante da "novidade".

Eder assinala esta "ruptura": "Eu estava, sim, diante da emergência de uma nova configuração das classes populares no cenário público. Ou seja, não apenas em comparação com os padrões do início da década, mas também - e sobretudo - com os de

periodos historicos anteriores,o fim dos anos 70 assistia emergencia de uma nova configuracao de classe."

Pelos "lugares",pela "linguagem",pelos "temas",pelos "valores",pelas "acoes": "anunciava-se o aparecimento de um novo tipo de expressao dos trabalhadores..."

Como vimos,no periodo de resistencia(1964-1974),a capacitaçao sindical assumiu a forma de formaçao na açao.Praticas de lutas e de organizaçao no cotidiano das fabricas e nos bairros de periferia,unificando militantes da esquerda dispersada e militantes cristaos.Como diz Pontual,"As experiencias de pratica de educaca popular,no Brasil,nos ultimos anos,se desenvolveram sobretudo ao nivel dos movimentos sociais,no espaco das lutas concretas,em grupos de base e na maior parte em processos "pouco formalizados" de educaçao.Principalmente nesse periodo de resistencia."A educaçao popular se dava nas praticas especificas de luta desses grupos (comunidades eclesiais de base,grupos de operarios que se reuniam nos bairros,clubes de maes,conselhos de saude,etc.

Em trabalho recente,Jorge Matoso analisa esse periodo:"Apos a explosao das primeiras greves vitoriosas ainda sob o regime militar(1978-79),segue-se a repressao as greves de 1980 e o inicio da recessao em 1981.O conseqente desemprego e demissoes em massa nos primeiros anos da decada favoreceram inicialmente a reduçao das mobilizacoes grevistas e,logo apos,levaram o movimento sindical a dispender maiores esforcos na sua definiçao estrategica,na organizaçao intersindical nacional,nas negociacoes coletivas de trabalho e na organizaçao nas fabricas.No entanto,a subordinaçao crescente das autoridades economicas ao ajuste externo patrocinado pelos organismos internacionais,o agravamento da crise e da inflaçao ampliam em 1983 a intervençao sindical,sendo que neste ano seria convocada a primeira greve geral" desde o golpe militar de 1964.Em agosto do mesmo ano,5.059 delegados de 655 sindicatos e 247 outras organizacoes de trabalhadores iriam fundar a CUT apesar da proibiçao formal a organizaçao centralizada nacionalmente"(Tese de doutoramento,93).

No movimento sindical,as praticas de resistencia tomaram carater amplo a partir da campanha da "reposiçao salarial" de 1977.contudo,a nivel de capacitaçao sindical,no periodo da resistencia surgiram iniciativas que se afastaram da orientaçao dominante,ou seja,da educaçao como suplementaçao."SM).

Om alguns locais,j desde o inicio dos anos 70,militantes da Pastoral Operaria e/ou Oposiçao Sindical levavam um trabalho de aglutinaçao operaria apoando-se na rede de relacoes articulada pelas comunidades eclesiais de base,cooperativas de comprar comuns,cursos de alfabetizaçao.esses bairros foram verdadeiros redutos de resistencia operaria nos anos ,mais negros da repressao,e a luta operaria sempre foi tema de discussao dos varios nucleos de moradores,as comunidades eclesiais de base da Igreja,etc"(Vera Telles).

Segundo SManfredi,"Durante o periodo posterior ao golpe,o quadro da educaçao no movimento sindical nao se altera muito.Afora as exeriencias das quais nos ocuparemos posteriormente (FNT,ICT) nao consta que,ao nivel das entidades sindicais em geral,o panorama tenha se alterado substantivamente".)

Manfredi consultou os anuarios estatisticos de 1962 a 1974,constatando a existencia de 3 tipos de atividades educativas mais sistematicas nos sindicatos de SP:cursos regulares

de 1 e 2 graus, os cursos pre-vocacionais e os incluídos sob a designação de outros (cursos especiais, não-regulares e que não correspondem a nenhum grau de escolaridade formal).

Silvia assinala que "o processo de internalização e de revisões críticas teve reflexos sobre a educação; "Entre os metalúrgicos da Grande SP surgem algumas atividades educativas com perspectivas distintas daquelas que visavam suprir a falta de oportunidade de acesso à escola pública. No Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos organizam-se cursos de capacitação sindical...". Por volta de 1970, a direção do sindicato toma iniciativa para organizar estes cursos; para tal, funda um Departamento de Educação e Cultura (DEC), dirigido por um metalúrgico. Pelo conteúdo e pela perspectiva metodológica, estes cursos distinguem-se da perspectiva tradicional. Silvia assinala a realização do I Congresso dos metalúrgicos de SBCD como um dos espaços importantes para a educação sindical. O congresso teve assessoria do DIEESE, para definição do temário. Entre as resoluções, estava a realização de "cursos de capacitação sindical, destinado a todos os associados...". Os cursos se inseriam na perspectiva de redefinição da estrutura sindical e da necessidade de autonomia e liberdade sindicais; para tal, precisava-se conscientizar e, pelo trabalho na base, ampliar a participação dos trabalhadores no sindicato.

Silvia conclui: "O que há de novo nas propostas de encontros, congressos e cursos de capacitação nesse período, o surgimento de uma perspectiva de educação nascida da iniciativa dos próprios dirigentes e militantes sindicais, tendo em vista as necessidades específicas do próprio movimento. Essa nova tendência que se gesta durante o período de resistência vai se reavivar a partir de 1978, com as greves de 1978 e 1979 e o ascenso do movimento operário-sindical".

"Durante o período de 1975 a 1979 pode-se identificar, no interior do movimento sindical paulista, o aparecimento de uma nova perspectiva (já esboçada no período da resistência), no que diz respeito às propostas e práticas de capacitação para dirigentes e militantes sindicais. Contudo, essa perspectiva que se reaviva após o ascenso do movimento operário-sindical, no período 1978-1979, ainda não constitui uma tendência dominante, dentro do movimento, pois a perspectiva "tradicional" ainda persiste".

A partir de 1978, os próprios sindicatos assumem suas atividades formativas: cursos, palestras, congressos e conferências. Se estas atividades eram pensadas para o público de base, contudo, o foco central estava localizado nos dirigentes sindicais.

Nos anos iniciais da década de 80, surgiram, entre sindicatos e alguns Centros de formação, propostas mais amplas e sistemáticas de formação sindical. Por exemplo, através do Grupo de Educação Popular/URPLAN, foi editada uma brochura intitulada "UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA LUTA E ORGANIZAÇÃO", COM O TÍTULO DE "FORMAÇÃO SINDICAL", e articulando os sindicatos dos Bancários, dos Químicos, de São Paulo, e os Metalúrgicos de SB. A publicação, de agosto de 1983, mescla a fundação da CUT. Portanto, buscava preencher a lacuna de oferta no campo formativo.

Neste período pré-CUT, foram muitas as iniciativas neste sentido. Já refletiam uma discussão e uma prática mais avançada no campo da formação sindical.

No Rio, ILDES, FASE e CEDAC formaram um coletivo de formação sindical. Num dos seus relatórios podemos ler, para o primeiro período (junho a setembro 1983), "Nesta fase

inicial a questão da formação se apresentava um objetivo da equipe compartilhado por poucas lideranças sindicais do Rio de Janeiro. Devido a situação específica do movimento no estado, não conseguimos manter um nível de discussão constante com esses dirigentes. De um lado, a ideia surgida no final do ano passado (1982) de criar um Centro aglutinador dos recursos disponíveis com vistas a transformar-se em um Centro de formação, foi abandonada. As dificuldades encontradas no campo da INTERSINDICAL pro-CUT, imperaram o projeto desse Centro aglutinador. O trabalho voltou-se para as oposições sindicais.

O ILDES ensaiou várias tentativas para possibilitar a ideia de um Centro aglutinador. Em outubro de 1983, promoveu um "Seminário de Formação Sindical", de caráter nacional, onde se discutiu a ideia de um Instituto nacional de formação. O Seminário foi realizado no Rio de Janeiro em 1982, tinha havido um outro seminário desse tipo. Vejamos a pauta desse Seminário, pois, ilustrativa dos debates da época:

.Formação sindical e perspectivas da organização sindical (avaliação do movimento sindical e o papel da formação sindical - histórico e situação atual). Jorge Bittar, Raphael Martinelli, Vandevaldo N. de Miranda;

.A fábrica: a importância da formação sindical no local de trabalho, (uma avaliação da formação sindical no trabalho de fábrica); Abdias José dos Santos, José Ibrahim, Luís Gianini, Waldemar A. Lirio, Paulo R. Paim;

.A formação sindical dentro da estrutura sindical vigente; Luís Gushiken, João P. Lima e Silva (Janjão), Ivan M. Pinheiro;

.Pedagogia da formação sindical: métodos e técnicas em discussão; Cláudio Nascimento, Sérgio J. Ruckert, Hamilton J. B. de Farias.

No mesmo sentido, apontamos a brochura da Fase-SP, sobre a formação sindical (a experiência dos trabalhadores químicos do ABC).

A experiência de formação do sindicato dos trunais de Santarém, tornou-se um exemplo do trabalho deste período.

Em 1985, a Revista PROPOSTA-FASE dedica o número 30, a formação sindical. Buscava trazer a discussão sobre as várias experiências existentes.

Em 1984, o DIEESE, que desde 1979 desenvolvia atividades de formação sindical, funda a sua Escola Sindical, atendendo principalmente os dirigentes dos sindicatos da CUT. Segundo Miguel Chaia:

A tradição iniciada no final da década de 60 do DIEESE organizar reuniões e encontros sindicais para os seus associados discutirem problemas sócio-econômicos e sindicais foi intensificada a partir de meados da década de 70. A complexidade atingida pela economia brasileira e o processo de democratização abriram novos espaços e criaram novas necessidades de formação por parte do movimento sindical. Nessas condições, os sindicatos começaram a solicitar novas formas de treinamento para suas lideranças e para seus quadros que, até então, só podiam contar com seu esforço pessoal e sua experiência.

A crescente participação dos sindicatos na vida política do país passou a requerer, ao lado da exigência da militância diária, um treinamento mais sistemático e organizado, conforme afirmaram alguns documentos do DIEESE.

Esta tradição pedagógica por parte do DIEESE, levou a instituição a desenvolver um programa de Educação Sindical com as características de uma escola sindical, a partir do início dos anos 80. Criou-se, inclusive no DIEESE, uma unidade responsável por esta atividade, a Divisão de Educação Sindical que desenvolve o programa, controlado por trabalhadores, destinado a subsidiar a ação e a organização sindical, conforme as necessidades expressas pelos próprios trabalhadores e suas lideranças.

Considerando essas necessidades, e comprovando-as através de repetidos contatos com os sindicatos afiliados às diretrizes estabelecidas pelo DIEESE para o programa de Educação Sindical, conforme documentos internos do Departamento:

- . treinar lideranças e trabalhadores para as tarefas de coordenar e dirigir as atividades de educação sindical em suas respectivas entidades;
- . estimular a multiplicação de cursos e atividades relacionados ... educação sindical;
- . promover a disseminação da informação e a troca de experiências referentes às atividades de educação sindical desenvolvidas por organismos sindicais;
- . dar apoio técnico ... às organizações que estejam desenvolvendo Programas de Educação Sindical.

A POLÍTICA DE FORMAÇÃO DA CUT

Periodizamos a formação cutista em 3 etapas:

- 1.o período da gestão dirigida por Ana Lucia, de 1983 a 1986;
- 2.o período de 1987 a 1989; a formação, definida como elemento estratégico, articula-se com o I Plano de Ação da CUT; o II CONCUT (1986), designa Lorenzetti como dirigente da formação;
3. 1990 a 1993. consolidação da PNF e momento de complexidade, a partir do V ENAFOR (dez. 1991);
4. uma última etapa abre-se a partir do VII ENAFOR (dez. 93); definida pelo caráter crítico em relação a vários problemas da PNF e, pela saída do atual dirigente, Lorenzetti, após o V CONCUT (maio 94).

ENSAIO DE UMA PNF

Na primeira etapa, que podemos definir como de ENSAIO ou sondagem para instalar uma PNF, destacamos os seguintes elementos:

"O surgimento da CUT trouxe mudanças de qualidade e quantidade nesse quadro (formação sindical). O seu Estatuto Provisório aprovado no Congresso de formação, definiu que a Direção nacional deveria organizar, entre outras, uma "SECRETARIA DE FORMAÇÃO EDUCAÇÃO E CULTURA". Um ano depois, o I CONCUT aprovou o estatuto definitivo que estabeleceu os cargos para a Executiva Nacional, surgindo aí a SNF, que ficou a cargo de ANa Lucia, militante de base da Associação dos docentes da universidade de Goiás"(PC)

Entretanto, estávamos apenas iniciando algo novo, muitíssimo novo, novíssimo. Neste sentido, em documento sobre "A política nacional de formação"(1990) , J.Lorenzetti assinalava:

"A evolução da PNF faz parte da história da CUT. As atividades de formação, sistemáticas e planejadas, iniciam-se na CUT em 1987.

O período de 1983 a 1986 caracteriza-se como de implantação da CUT. A luta política pelo fim da ditadura militar, combinada com a intensa ação sindical, centrada no apoio às lutas, em defesa do salário, emprego, terra, liberdade e autonomia sindical. Neste amplo processo de mobilização, centenas de oposições sindicais identificadas com a prática sindical da CUT disputam e vencem eleições sindicais, criando a base orgânica real de construção da CUT".

Sem este quadro na mente, seria difícil entender os primeiros ensaios de uma PNF neste período

De 27 a 30 de março de 1986 foi realizado o I ENCONTRO NACIONAL DOS SECRETÁRIOS DE FORMAÇÃO, nas dependências da CUT nacional. Vejamos a pauta do Seminário (como veio a ser chamado, no relatório da atividade).

.Informe sobre a situação do trabalho de formação em cada região(roteiro em anexo)

- .Existência de planos e programações
- .Organização e funcionamento da SEF e de secretarias ou comissões regionais
- .Tipos de trabalhos realizados
- .Meios e instrumentos utilizados

Noite:continuação dos informes ou apresentação de materiais didáticos.

.Discussão de pontos para a formulação de uma PNF (objetivos, caráter, instrumentos, etc)

1. .É possível se pensar, hoje, em uma PNF?

a.Pressupostos e objetivos: Qual a finalidade desta política, a que necessidades ela procura responder e a que resultados pretende chegar;

b.Caráter:De que tipo de formação está se falando, qual a filosofia geral deste trabalho, a quem pretende atingir e que tipo de metodologia, mais adequada;

c.Condições:O que, preciso para viabilizar esta política.

2.A relação entre o trabalho de formação e as atividades gerais da CUT(mobilização,organização,planos de lutas,Congressos,etc)

3.Qual o papel das SEF? E o papel da SNF?

Dos resultados deste debate espera-se chegar aos seguintes resultados:

- A)Elaboração de um documento de referencia para a elaboração de uma PNF
- B)Definição de tarefas prioritarias para o momento e da estrutura de funcionamento necessaria para a realização destas tarefas.

Em anexo,ver a pauta desdobrada e o subsidio a esta discussao produzido pela SEF de SP.

Noite:apresentação e debates sobre o trabalho de formação com os trabalhadores rurais.

.relato de experiencias de formação que estao sendo desenvolvidas nos estados,e discussao.

.Aprovação de documento para a elaboração de uma PNF

.discussao sobre os problemas para a implantação de SEF nos estados e Regioes.

A partir do relatorio desse Encontro,podemos acrescentar outros elementos que nos permitam algumas conclusoes.

De inicio,o Seminario contou com a participação de 19 SEF,19 secretarias regionais e 6 assessores,num total de 44 participantes.

Transcrevemos na integra e na totalidade as resolucoes do Seminario,pois,sao de grande importancia para os passos que viriam.

DOCUMENTO ANA LUCIA

Uma especie de "pre-relatorio",no ponto propostas e recomendacoes",fala da "realização de uma Campanha Nacional de Formação";este aspecto nao consta do relatorio final.

No periodo, na SEF da CUT-RIO;enviamos o seguinte programa de formação,constando de um documento com "belas"definicoes sobre formação sindical.O plano era para o primeiro semestre de 86:

.Debate: o pacote economico e as consequencias para os trabalhadores.

publico:intercategorias

data:03 de abril/86

.Seminarios:

Metalurgicos 12 a 13 abril 86

Bancarios 19 a 20 abril 86

Transportes 10 a 11 maio 86

Interprofissional - data indicativa 14 a 15 junho 86

Conteúdo: a atual política econômica do governo e as reivindicações da CUT. Estrutura sindical.

número de participantes por seminário: 60

Vale salientar que era um momento de pique na SEF-Rio. Contudo, revela a debilidade do trabalho, devido à situação do sindicalismo neste Estado e a carencia de estrutura e quadros.

Em junho de 87, a SEF-RJ apresenta a proposta para fundação de um "Centro de estudos e de Formação dos Trabalhadores", no Rio, a imagem do recém criado INCA.

Ainda em 1985, a SNF realizou 5 seminários regionais sobre Estrutura sindical, com duração de 2 dias cada. O I CONCUT, agosto 1984, tinha priorizado a criação das estruturas horizontais da CUT.

Os seminários ocorreram nas seguintes regiões:

.Centro-oeste, Rio, Rio Grande Sul, Manaus, Congresso CUT-Goiás.

Merece destaque, a realização do Seminário sobre Código do Trabalho, promovido em conjunto com a SPS e a CFDT (1 a 3 outubro 1985). Nesta gestão, a política sindical tinha como secretário João Paulo P. Vasconcelos (Monlevade) e, tinha uma relação privilegiada com a Central francesa. O Seminário tinha como objetivo a formulação de uma proposta de "código do trabalho", para ser apresentada e debatida na Plenária Nacional da CUT, em dezembro daquele ano. (Boletim Nacional, out-nov. 1985).

O documento "Síntese das discussões sobre estrutura sindical", assinado por Ana Lucia, datado de 08.12.85, assinala que: "Os diversos seminários e congressos enfrentaram a questão da organização dos trabalhadores, a nível dos locais de trabalho (empresa), avançando a discussão para além do âmbito sindical.

Em todos eles, o ponto principal de discussão foi acerca do tipo de organização que devemos ter a nível de base, se a organização apenas sindical de uma comissão sindical de base, vinculada ao sindicato, ou uma comissão de empresa, livre e autónoma em relação ao sindicato, ou ainda, se devemos ter ambas as organizações convivendo nos locais de trabalho".

Muitas iniciativas de inovar no campo da formação eram feitas pelos Centros; por exemplo, em 1985 o CEDAC-Rio junto com entidades de SC, PA e RS, desenvolveu uma atividade de "formação de formadores", em 3 etapas. A experiência foi relatada na revista "Proposta" _FASE, número 30.

Este período, marcado, na central, pela conjuntura das "diretas J" (1984), as greves de 1985. A única escola existente, na época, era a Escola sindical do DIEESE, que iniciava sua atuação em 1984.

O segundo período (1984-86), coincidiu no seu início com a emergência do movimento cívico contra o regime militar por "Diretas J" e com uma verdadeira unanimidade nacional contra a recessão e a recuperação econômica nacional...

Gostaríamos de destacar alguns aspectos, para análise política do período e do trabalho de formação da SNF.

CONTINUIDADE E RUPTURA

O II CONCUT ocorreria em agosto de 1986, assinalando um corte politico na central, no sentido de um aprofundamento do projeto sindical cutista. Para forma-o, implicou a mudanca do responsavel nacional e a inclusao da forma-o entre as 5 prioridades da CUT.

Contudo, estas nao sao as principais mudancas. O fundamental ocorre a nivel das resolucoes, seu significado politico enquanto maior defini-o do projeto cutista, sobretudo de buscar a constru-o de uma verdadeira Central sindical. Isso fundou uma nova maneira de ver e praticar o sindicalismo

As mudancas no papel da nova dire-o da PNF, sem duvidas, foram importantes. A PNF encontrou um secretario que teve sensibilidade e inteligencia para o novo espirito, principalmente, na supera-o do carater doutrinario e ideologico, entao, em vigencia.

O II CONCUT faria o balanço do primeiro periodo da CUT (1983-1986). A central se confirma como expressao nacional de um novo sindicalismo no pais. A partir dai, surgem os verdadeiros desafios para constru-o de uma verdadeira central sindical nacional.

Numa analise a partir do quadro atual, nos , possivel discutir o que foi ruptura e o que foi continuidade, do periodo da forma-o apos o II CONCUT e o periodo inicial.

O elemento continuidade est nos aspectos da PNF, enquanto atores, estruturas, foruns, prioridade a forma-o de formadores. Como vimos, o I Encontro nacional dos secretarios de forma-o, j discutia elementos importantes de uma PNF: desde as SEF, comissoes regionais/estudais, metodologia, implanta-o de uma PNF, finanças, rela-o com os Centros de Assessoria, reuniao anual dos secretarios, montagem da SNF, cadastro formadores.

H dois aspectos pouco discutidos: publico organico e programas. A rpograma-o limitou-se aos seminarios sobre estrutura sindical.

Desde a epoca, um ponto at, hoje fragil na PNF, estava na pauta: a discussao da pNF pelo conjunto da CUT. Da mesma forma, discutia-se a questao crucial da "forma-o de massa".

O elemento de ruptura, podemos localiza'-lo, sobretudo, no enfoque ideologico da forma-o; sem duvidas, reflexo da discussao no II CONCUT. As definicoes mais precisas sobre o carater e o papel da CUT, enquanto Central sindical e, o papel de prioridade tracado para forma-o, influiram de forma decisiva nas questoes da PNF.

No que diz respeito a algumas definicoes de principios, ainda se mantem um carater classista, no sentido reducionista, e de pouca flexibilidade no tratamento sobre socialismo X capitalismo.

No campo da metodologia, apresentam-se alguns principios basicos : participa-o ativa, problematizar conteudos, experiencia concreta, aspecto cultural. Contudo, e aqui busco apoio na memoria: no II Seminario sobre Metodologia (27/02 a 03/03 de 1989), PUS para o responsavel da SEF-SP (que dava o tom dos debates no primeiro periodo), qual era a metodologia ? A resposta : "a luta de classes"!

,O documento indicado para discussao sobre a PNF,era o "Plano de implantaçao de um Programa de formaçao para a CUT-Estadual(SP)".O ponto II,desse documento,intitulado "Filosofia de Trabalho",no item b,afirma:

"O programa de formaçao da CUT estar baseado numa concepçao classista da sociedade,colocando de forma insistente,a urgencia historica da classe trabalhadora assumir uma posiçao de classe frente aos patroes e ao governo".No item f:"O programa ter na historia da luta de classes a sua principal fonte de saber,porque , a reflexao critica sobre o passado que permite um maior entendimento do presente e das possibilidades do futuro".

Portanto,no minimo uma "politizaçao reducionista" entre principios politicos e metodologia.

Nao est alheio a esse enfoque ,este outro reducionismo pedagogio :
:"O programa de formaçao da CUT ter na historia das lutas da classe a sua principal fonte de saber".

Ou,a divisao mecanica entre consciencia de classe e consciencia sindical;estrutura e conjuntura;e na relaçao entre ambos aspectos.

"A formaçao na CUT dever responder aos objetivos estruturais e conjunturais.Em resposta ao que entendemos como objetivos estruturais,a CUT dever ter cursos permanentes sobre formaçao basica,onde a consciencia de classe , desenvolvida,e cursos de formaçao sindical onde , promovida a capacitaçao sindical do militante.estes cursos visam favorecer a estruturaçao organica da CUT".

"Em resposta aos objetivos conjunturais,a CUT desenvolver seminarios,cursos rapidos ou outras atividade sobre temas considerados fundamentais para implementaçao de politicas e ou definiçao de propostas".

O conhecimento vem sempre associado a uma fonte ideologica:a luta de classes;e,nao a pratica social.Ao mesmo tempo,fala-se de partir da experiencia.

Contudo,na nova gestao,vamos encontrar nos "Principios para uma PNF",definicoes similares:"2.A concepçao classista da sociedade e a defesa dos interesses imediatos e historicos da classe trabalhadora ser o eixo central ou pano de fundo de toda a programaçao de formaçao da CUT";ou,"4.A reflexao sobre a historia da luta de classes no mundo deve ser a principal fonte de saber para o entendimento da realidade e as perspectivas futuras da luta dos trabalhadores.Desta forma,o conhecimento e o estudo do capitalismo e do socialismo deve ser preocupaçao permanente da formaçao da CUT"(Plano de Trabalho da SNF-1987).

O aprofundamento da questao metodologica atraves da realizaçao dos "cursos para monitores",inicialmente,depois os "formaçao de formadores",pela SNF e pelo INCA,e,dos seminarios nacionais,permitiram superar este momento inicial.

Nesta linha,assinamos dois cursos para monitores(1988),que foram reestruturados em relaçao aos de 1987.Estas atividades tem um eixo em torno da questao do conhecimento e de metodologia.Em 1989,teriamos os cursos de FF: duas etapas realizadas no INCA,com uma equipe especialmente montada para sua realizaçao.Os debates com o grupo ALFORJA (Oscar Jara,Carlos Nunes),trouxo definicoes fundamentais. Em 1989,realizou-se o Seminario nacional de metodologia.

Assim, nesse processo, vamos encontrar, em outubro de 1987, um documento da SNF sobre "Metodologia". Desta feita, a questão do conhecimento, a questão da metodologia, são colocadas noutra patamar:

"A prática social, a fonte de todo conhecimento, ou seja, necessário trabalhar a partir de uma ação social concreta. Todo programa educativo deve partir da problemática concreta que o grupo vive, de suas necessidades específicas, do conhecimento que eles já possuem de um determinado tema, do nível de consciência particular do grupo, considerando não só o momento vivido ou vivido dessa prática, mas levando em conta todo um conhecimento e experiência histórica acumulados. Partir da prática supõe basear-se em condições objetivas (vida cotidiana, elementos provenientes de sua prática produtiva, de sua prática organizativa, e do contexto econômico e social) e nas condições subjetivas (conhecimento e interpretações que o grupo já desenvolveu, formas de expressão, linguagem, valores, manifestações culturais e artísticas)". O Documento define que, "A prática social, o critério da verdade e o fim último de todo o processo de conhecimento"; faz a distinção e a articulação entre Metodologia, Técnicas e Métodos.

Além destes aspectos, podemos ainda destacar como ruptura, a questão dos programas ou eixos de prioridades relacionados com a estratégia da central. Contudo, este elemento só viria ocorrer em março de 1988.

O processo de implantação da PNF, apresenta aspectos de continuidade, não apenas na estrutura orgânica (SNF, SEF, etc), mas na realização do Seminário Nacional sobre Concepção e Prática sindical (experiências de formação), realizado no INCA em outubro 1987; na realização do I Seminário de Metodologia (início 1989) nos seminários regionais sobre PNF.

No aspecto ruptura, no campo dos atores há uma relação mais dinâmica com os Centros de Assessoria (participaram da promoção dos seminários nacionais, sobretudo o de metodologia. Neste aspecto, existia, no período anterior, não como política da CUT, mas sentimento de alguns dirigentes, a perspectiva de que a formação seria algo exclusivamente da central; o que refletia um sentimento correto de autonomia e de formação orgânica, mas, ao mesmo tempo, carregado de uma lógica perversa, no que diz respeito à relação da central com a sociedade civil: de que os Centros já tinham realizado suas funções históricas. Inclusive, há um documento de Valdo, sobre o "fim das ONGs" (1988).

Debate resumido na recomendação do I Encontro dos secretários: "Os centros de assessoria devem subsidiar e assessorar a Secretaria de Formação sem interferir na linha política e nem assumir a função de direção!"

Quanto à implantação da PNF, como vimos, o documento base para discussão no Seminário dos secretários, foi o da SEF-SP e, as propostas e recomendações são muito amplas para se pensar as atividades visando aquele objetivo. Neste sentido, a partir de 1987, a definição de um plano de ação, representou um salto qualitativo com a realização de 13 seminários no país.

Passemos para o II período da PNF: 1987 a 1989.

IMPLANTAÇÃO DA PNF

O divisor de águas está situado no II CONCURTO. "Após o II Concurto (agosto 1986), a SNF passa a ser dirigida por Jorge LORENZETTI, de SC, diretor da Associação Brasileira de Enfermagem. Ainda neste ano, a nova Executiva nacional definiu 5 prioridades para atuação da CUT, sendo uma delas a Formação Sindical. A partir disso, a SNF estabeleceu seu PLANO DE TRABALHO para 1987, com 4 grandes metas:

- .promover a definição e implantação da política de formação da CUT, assegurando atividades permanentes de formação político-sindical;
- .estruturar a SNF e apoiar a estruturação e funcionamento das secretarias estaduais e regionais;
- .oferecer atividades de formação de acordo com as prioridades políticas da CUT para 1987 e as solicitações das CUTs;
- .e, participar da coordenação de todos os encontros, seminários e conferências a serem realizadas pela CUT.

O terceiro período da década de 80 (1987-89) foi caracterizado pela paralisia e estagnação econômica e pelo retorno a políticas mais ortodoxas de administração da economia. O mesmo tempo em que elevaram-se os patamares inflacionários e agravou-se a crise cambial...

O movimento sindical, por um lado, continuou sua dinâmica de expansão, fortaleceu as centrais sindicais, ampliou sua participação social, atuou organizadamente no processo constituinte e garantiu uma avaliação generalizada de que o final da década havia se transformado em um agente social de inusitada relevância no sistema político nacional. Por outro lado, setores mais avançados do movimento sindical fizeram esforços no sentido de apropriar-se do conhecimento da dimensão e das consequências do processo de formação do novo padrão tecnológico e produtivo que emerge com a III Revolução industrial nos países avançados e que terá efeitos no Brasil apesar da preservação da estrutura produtiva industrial.

No entanto, seja pela inipiência deste processo, seja porque esta discussão ainda limitou-se a questão da organização do trabalho, seja pela debilidade da organização nacional empresarial e/ou por sua recusa em discutir abertamente estes temas, seja devido a fraca organização nos locais de trabalho, seja devido a consolidação de centrais sindicais fortes mas sem espaço de negociação, o certo é que este esforço não se traduziu na superação da prática reativa/reivindicativa do movimento sindical e na formulação de um novo projeto de desenvolvimento capaz de fazer face às novas condições internacionais e nacionais."

A partir desse ano, com a estruturação de uma equipe na SNF, a CUT passa a ter um trabalho sistemático de implantação da PNF. Promove 13 seminários nos Estados, discutindo a PNF, além de realizar 6 cursos. Estabelece Convenio com o INCA para oferecer 8 cursos para lideranças sindicais. Junto com FASE, INCA e CEDI, realiza o I Seminário Nacional sobre Conceção Sindical, visando contribuir para o III CONCURTO.

Na "Apresentação" do relatório desse Seminário (caderno), o secretário nacional de formação afirma: "A CUT definiu a formação como uma das suas prioridades políticas maiores, para atingir a sua consolidação como central classista, democrática e autônoma dos trabalhadores brasileiros.

Em consequência disso, a SNF preparou e vem desenvolvendo um plano nacional de formação que tem como meta a construção de uma PNF da CUT.

Esta proposta foi amplamente debatida em todo o Brasil durante o ano de 1987 (13 seminários nos estados - nota do autor) e um conjunto de atividades foram realizadas, e o balanço delas confirma um consenso geral na CUT de que a formação, estratégica para a CUT cumprir seu papel de instrumento dos trabalhadores para a conquista dos seus interesses imediatos e históricos.

A realização deste seminário nacional sobre "Concepção e Prática Sindical e as Experiências de Formação" foi uma iniciativa da maior importância na estratégia de implantação da PNF da CUT.

O sindicalismo brasileiro não possui tradição, nem experiência e nem prática do trabalho sistemático de formação. Neste sentido, a formação sindical realizada por um conjunto muito grande de entidades teve um papel decisivo na criação e implantação da CUT em todo o Brasil."

Lorenzetti, após definir as tarefas da CUT para passar de referência a representação sindical efetiva dos trabalhadores, assinala que:

"este seminário mostrou a importância da contribuição destas entidades no trabalho de formação, agora tendo como referência a PNF-CUT e as novas exigências na capacitação de lideranças, desde a base até a direção nacional.

Desta forma, respeitada a autonomia de cada uma das entidades que desenvolveram atividades de formação comprometidas com a CUT, a conclusão mais importante que chegamos neste seminário, a necessidade de uma ARTICULAÇÃO PERMANENTE DESTAS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO dentro da política de formação da CUT, na perspectiva de fortalecimento das instâncias de formação da CUT".

Do Seminário participaram 19 entidades, incluindo as escolas e a SNF. (ver lista em ANEXO).

Uma das propostas de continuidade, foi um seminário nacional de metodologia, a ser realizado em 1988.

Junto com a SPS, realiza o Seminário sobre experiência italiana de organização sindical. No campo das escolas, ocorre a fundação da Escola Sindical-7 de outubro (MG) e da EQUIP (NE) que, junto com o INCA (fundado em agosto 1986), constituem um dos instrumentos para consolidar a PNF.

Nas palavras de J. Lorenzetti: "acumulo trazido por este debate inicial fez avançar uma sistemática de planos anuais de formação".

Nos anos seguintes, 1988-1989, a conjuntura sindical esteve marcada pelo III CONCUT (setembro 1988), pela greve geral (março 1989); por sua vez, a conjuntura política tinha os marcos da Constituição (1988) e das eleições (1989).

Em março de 1988, realizou-se o Encontro nacional com secretários de formação (viria a ser o I ENAFOR); participaram 20 SEFs. Foram aprovados 5 eixos: .CEPS, PASC, Economia, Apoio a lutas, e, Metodologia.

Era um primeiro passo para definição dos Programas de formação.

A SNF realizou 20 seminários estaduais sobre CEPS; publicou um Caderno sobre "Estrutura Sindical".

Em marco de 1989, teríamos outro Seminário Nacional dos secretários de formações (o II ENAFOR). Os eixos foram ampliados, quantitativa e qualitativamente: .CEPS, PASC, Apoio a lutas, Metodologia, e um bloco incluindo: rurais, comunicação e mulher.

O principal fato, seria o I Seminário nacional de Metodologia (27/02 a 03/03). O novo secretário da PNF, definia os desafios: "Nessa reflexão mais recente, percebemos que a necessidade da formação de base não se continua como se amplia. Porém o desafio da formação daqui para frente está noutro patamar. A formação deve estar trabalhando a continuidade desse processo, mas, ao mesmo tempo, deve assumir uma dimensão muito maior do que tem sido até aqui.

Hoje temos aproximadamente 30.000 lideranças sindicais utistas, que são o público alvo da formação. Estas lideranças teriam de entender muito mais do que apenas o papel do sindicato; precisariam entender o projeto sindical utista.

A promoção do seminário continuou sendo da SNF, FASE, CEDI, INCA e Escola MG. Participaram 40 formadores, representando as SEFs, ONGs.

Apoiado no relatório feito por Angela Serpa (para o INCA), vejamos alguns aspectos do evento.

O principal objetivo foi avançar na reflexão sobre a concepção metodológica da CUT; continuar a reflexão sobre metodologia, iniciada no seminário de 1987, e, discutir os caminhos para uma unificação metodológica no campo da formação dos trabalhadores.

Diversos temas foram discutidos: papel da formação na construção da organização dos trabalhadores; .que tipo de formação nos interessa fazer? .a produção do conhecimento; .planejamento do trabalho de formação .CEPS .Historia do movimento operário sindical, nacional e internacional; .a formação de dirigentes e de monitores; .Rede integrada de formação ou SNF.

Quanto a formação de formadores, o leito das discussões sobre metodologia, Documento do INCA (conveniado, então, com a SNF), assinalava algumas dificuldades do PFF:

"No ano de 89, o INCA implementou, em convenio com a SNF e alguns grandes sindicatos, o seu PFF de F...

O Curso FFMS foi uma arrojada proposta que buscava combinar o trabalho presencial nas 3 etapas do curso com atividades práticas e teóricas nas entidades de origem dos cursistas, complementadas com atividades de acompanhamento e assessoria direta, para se garantir o objetivo geral de "capacitar os cursistas para o planejamento e organização de processos sistemáticos de formação nas instâncias onde atuam, contribuindo para a consolidação de uma política de formação afinada com a política geral da CUT".

O processo de avaliação do primeiro curso encontra-se em andamento, pois a 3ª etapa encerrou-se há 20 dias. Mas já podemos adiantar que seu objetivo geral foi apenas parcialmente alcançado. Isso ocorreu devido a vários fatores em que se destacam dois que merecem uma análise imediata.

O primeiro e mais significativo elemento dificultador, a pouca compreensão, por parte de nossas entidades, do papel da formação no conjunto da política sindical desenvolvida, aliada a pouca organicidade existente entre as várias instâncias da Central. Como decorrência desse fator, os erros vão desde a pouca observância dos critérios estabelecidos para a seleção dos participantes até, o não acompanhamento das atividades por estes desenvolvidas, culminando em alguns casos com o seu não aproveitamento na área de formação.

O segundo fator de dificuldade, também de caráter estratégico, refere-se ao pouco acúmulo existente no país, na área de formação de formadores. As experiências existentes na área de educação popular e político-partidária são ricos elementos de inspiração para nosso trabalho, porém a formação sindical exigida pela CUT coloca desafios e questões específicas que nos exigem o esforço de construir nosso próprio projeto estratégico de formação. A tradução concreta desta questão se dá na grande carência de quadros formadores de alto nível, politicamente afinados com a CUT. Os poucos formadores atuantes no movimento encontram-se espalhados em várias instituições, geralmente muito assobreados de atividades e desarticulados entre si. A experiência acumulada pelo INCA nos anos de 87 e 88 nos cursos de monitores permitiu-nos planejar e realizar os cursos para formadores, de caráter mais aprofundado, porque buscamos a assessoria de vários profissionais de outras instituições (Silvia Manfredi, Marcos Arruda, por exemplo) para o tratamento mais aprofundado de alguns temas específicos". (5.abril.90)

Portanto, estavam lançadas as bases de implantação da PNF, e se visualizava a formação de um Sistema nacional de formação-CUT.

O próximo período, iria buscar a consolidação da PNF.

CONSOLIDAR A PNF

O ano de 1990 começaria com o Governo Collor, significando uma grande ofensiva do neo-liberalismo contra os trabalhadores. Uma das iniciativas governamentais, foi de criar certas condições para o surgimento de uma Central Sindical que pudesse disputar a hegemonia com a CUT: surge a FORÇA SINDICAL.

No campo da PNF, em fevereiro será realizado o Seminário nacional das SEFs (III ENAFOR). Participaram 20 SEFs e 5 Escolas. Definiram-se 6 Programas: .CEPS, PASC, RHPMTF (onde está o PFF), Específicos (gênero, rural, comunicação, etc), Cooperação e intercâmbio, apoio à estrutura das SEFs e Escolas. Foi criado o CONAFOR. Neste ano, foram fundadas as Escolas Orgânicas: Norte, Sul e, inaugurada a Escola 7 de 10 (MG).

No Seminário nacional com os secretários, foi lançado o 1º número da Revista "FORMA & CONTEÚDO" da SNF. Trazia os textos do "Seminário nacional de Metodologia" (1989).

A revista abria um espaço para um tratamento mais rigoroso e profundo da PNF.

Portanto, maior definição de programas, avanço na estrutura orgânica da PNF com o CONAFOR, e as Escolas da CUT. Praticamente, já podemos falar da existência de uma "Rede nacional de instrumentos orgânicos de formação"

Essa "rede" seria definida como "A formação como um processo permanente e amplo no cotidiano da vida sindical prevê níveis diferenciados de complexidade do trabalho de formação e uma descentralização que contemple as diversidades regionais e de perfil da classe trabalhadora. Desta forma, coloca-se a exigência de estruturação de instrumentos orgânicos de formação desde o sindicato até a CUT nacional, com um funcionamento articulado e coordenado" (Lorenzetti-1990)

O CONAFOR agilizaria e democratizaria os encaminhamentos tirados no ENAFOR. As formulações políticas vão sendo aperfeiçoadas, com definições dos princípios da formação cutista, de sua estratégia de implantação e das prioridades formativas.

Quais eram os principais desafios para PNF, no final deste período (1987-1989). Mais uma vez, Lorenzetti assinala:

sob o título de "desafios para avançar e fortalecer a PNF-CUT":

"O balanço da PNF até aqui, muito positivo, por, muito está para ser feito. Acreditamos que além da consolidação de todos os elementos da PNF aqui apresentados e discutidos, o desafio maior, imediato e decisivo, para o futuro do trabalho de formação na CUT, o envolvimento efetivo do conjunto das direções, das instâncias em todos os níveis com a PNF.

Existe uma distância muito grande entre o discurso da prioridade da formação e o investimento prático concreto no dia a dia das atividades de formação. A formação orgânica exige uma adequada relação entre as atividades de formação e as instâncias da Central". Como superar esta dicotomia? Eis uma questão que já prenunciava a posterior "crise de organicidade" da PNF.

Uma chance perdida

A experiência de formação de formadores, no INCA, permitiria um acúmulo importante em relação à PNF. Em novembro de 90, Paulo Carvalho e Leandro Valarelli apresentariam um documento, talvez o primeiro, de análise desta política. Intitula-se de "Pontos para um debate sobre a PNF da CUT" e, respondia ao apelo de debate do texto de Jorge Lorenzetti.

1. A História:

O ponto 3, crítica à visão evolutiva do histórico da formação cutista e, "A visão 'evolutiva' da PNF se faz revelar ao contar sua história tendo como marco inicial o ano de 1987, quando teriam iniciado atividades de formação sistemáticas e planejadas. No período anterior também foram desenvolvidos seminários de formação que cobriram o país inteiro. O que havia antes de 1987 não era ausência de formação ou de política de formação, mas possivelmente uma outra política de formação, ou mesmo esta mesma política, que não estruturada ou refletida. Ao mesmo tempo poder-se-ia levantar a questão de considerar-se formação da CUT apenas aquela que, pensada, desenvolvida ou coordenada pela SNF, na medida em que existiam várias, ainda que dispersas, experiências de formação no campo da CUT"

2. As Prioridades:

"Como revelam as metas do Plano Geral de Ação da CUT para a formação em 1987, a ênfase orientadora do período, a da estruturação da formação cutista. Os planos e avaliações que vão de 87 até 89 revelam que a CUT teve mais uma estratégia de

estruturacao de seus instrumentos que propriamente uma estrategia de formacao.As prioridades ali presentes sao tantas que se percebe que a verdadeira prioridade , fazer-se presente e atuante.Nao que nao fosse correta,mas , diferente daquela do periodo seguinte".

3.A Organicidade:

Houve um enorme avanco em termos de estruturacao,de realizacao e de formulacao no campo da formacao cutista,como o proprio texto aponta.Mas nao se pode desconsiderar que este avanco , restrito,na medida em que ele nao , resultado de um envolvimento,compromisso ou adesao da Direcao nacional ou mesmo da Executiva nacional no seu conjunto.Alem de ser um desafio,este , um serio entrave ao seu desenvolvimento que precisa ser apontado".

4.Formacao e Investigacao:

"...a relacao entre formacao e investigacao,entre formacao e qualidade da reflexao.Aparentemente obvia,sç mais recentemente esta questao passa a ser valorizada,e mesmo assim em circulos de formadores e dirigentes nao muito numerosos.Predomina o ativismo,a formacao emergencial,a especializacao em generalidades ou vice-versa.A crescente qualificacao da reflexao no processo formativo,apoiada em estudo,pesquisa e elaboracao , uma exigencia hoje para a CUT.(...)

5.A Heranca:

"...Ao falarmos da novidade historica do que representa o papel e as caracteristicas da formacao que se desenvolve na CUT , preciso faze-lo demarcando a diferenca e os saltos de qualidades em relacao as experiencias anteriores:as herancas assumidas,as negadas,as sinteses que representamos,a organicidade,a autonomia,a metodologia,etc.(...)"

Sem duvidas,este texto do INCA apresenta uma serie de questoes que estamos discutindo agora.Contudo,as tensoes entre a SNF e o INCA,naquele momento,encobriram e nao permitiram um uso do texto a altura dos problemas levantados.Poderia ter sido um momento importante no debate da PNF,afinal,, o primeiro texto que apontava estes problemas.Foi,sem duvidas,uma ocaiao perdida.

O ENAFOR

Em 1991,o realiza-se o Seminario Nacional do secretarios (fevereiro/IV ENAFOR) ,aprofundando os programas,que refletem novas questoes e passam para 11:

.CEPS,Negociaçãoe coletiva,PASC,PT-OSB,Comunicaçãoe,Formaçãoe Direcoes,Genero,RHPMTF,Coop. e intercambio,Memoria-Documentaçãoe.

Em relaçãoe ao CONAFOR,realizam-se 2 reunioes.E,em dezembro,realiza-se outro Encontro dos secretarios,desta feita com o nome de V ENAFOR.Representaria um salto qualitativo,sobretudo,porque pela primeira vez foi aprovada uma Estrutura organica da PNF.Tambem surgiriam as Coordenacoes nacionais dos Programas.Esses,apresentariam um leque de 10 :

.CEPS,Neg.Coletiva,PASC,PT-OSB,Comunicaçãoe,For.Dirigentes,Genero,RHPMTF,Coop.intercambio,Memoria/Doc.

Esse ano foi tambem o do IV CONCUR,polemico e inacabado.Remetendo as principais questoes para Plenaria de 1992.

revelava-se uma crise no projeto cutista, atingindo mesmo o aspecto ético. Contradições profundas atingiam a CUT.

1992, começaria com o Planejamento estratégico da CUT, assinalando um "acordo de cavalheiros" entre as correntes internas. A Plenária (agosto) aprova a filiação à CIOSL e delibera sobre OLT, estrutura vertical orgânica: federações e confederações.

No campo político geral, destaca-se o processo de impeachment de Collor.

Na PNF, realizam-se 2 encontros do CONAFOR e, o VI ENAFOR (dezembro), com participação de 17 SEFs. Reitera os 10 Programas, destacando a "forma de rurais" e de PT-OSB, passa para PT_OLT.

O Documento do sec. nacional de forma, "A Política nacional de Forma" (publicado em F&C, 1990), foi debatido em todo o país, e, principalmente neste VI ENAFOR; assim, o debate tornava-se coletivo, superando limitações dos anos anteriores.

O ano de 1993, teria a VI Plenária da CUT, aprovando a questão das cotas relativas à participação das mulheres. No campo da PNF, destaca-se o VII ENAFOR (dezembro).

VII ENAFOR: a "crise de organicidade"

Qual o contexto para os próximos anos? Quais os desafios para ,
.CUT
.PNF
.Campo democrático e popular

Estes três aspectos estão profundamente relacionados. No que diz respeito aos anos futuros.

Partindo de alguns textos recentes, o Documento assinado pela Escola SP, pela SEF-SP e pelo INCA e, enviado ao Enesfor-SP(93), assinalava os desafios para CUT:

"O movimento sindical brasileiro entra na década de 90 ainda com contas a ajustar com o passado de miséria e atraso, característico da sociedade brasileira. O resgate da dívida social e o fim do caráter excludente e concentrador da nossa realidade, tornam-se indispensáveis para a ruptura definitiva com a herança coporativista.

O que se coloca para o movimento sindical, como influir na redefinição do próprio padrão de desenvolvimento, de maneira a conferir-lhe um caráter democrático e popular. De um lado,, necessário enfrentar questões referentes ao nosso atraso histórico, como a crise econômica, a miséria social, o autoritarismo, o corporativismo e a exclusão de cerca de 50 milhões de brasileiros do mercado de trabalho. Por outro lado, devemos atacar problemas que deverão resultar da reconversão industrial e da verdadeira revolução tecnológica em curso que potencializa velhos e cria novos problemas, tais como o desemprego estrutural, a automação e a flexibilidade do trabalho, a questão ambiental, etc.

O enfrentamento efetivo destas questões passa pela formulação de uma estratégia sindical, que favoreça uma linha de atuação afirmativa/positiva, tanto no âmbito das relações capital/trabalho como no das relações entre Estado e Sociedade civil. A afirmação da democracia como valor fundamental e elemento constitutivo da sociedade do futuro, consubstanciadas na modernização das relações de trabalho e no

reconhecimento explícito, pela via da negociação ou do conflito, das diferenças e contradições presentes na sociedade, deve ser um elemento central dessa estratégia.

A consolidação de um sindicalismo classista, democrático, autônomo, com grande capacidade de representação e mobilização ocupa um papel relevante no conjunto das forças políticas democrático-populares. Nenhuma nação que se desenvolveu socialmente o fez sem uma forte ação e organização sindical.

CUT: novo e velho sindicalismo

O balanço dos primeiros 10 anos de existência da CUT, muito positivo. Porém, uma análise mais aprofundada mostra que os desafios que estão pela frente são muito grandes para a CUT repetir essa positividade nesse próximo período histórico. A CUT já representa uma importante renovação do sindicalismo brasileiro, mas ainda não pode ser considerada um projeto que consolida uma real ruptura com o velho sindicalismo.

A base do vertiginoso avanço da CUT foi a sua capacidade de impulsionar a resistência dos trabalhadores frente aos ataques contra o salário, emprego e condições de trabalho das políticas econômicas dos últimos 15 anos, combinando com a defesa de bandeiras políticas amplas e estruturais como dívida externa, reforma agrária, democracia, cidadania e um novo sistema de relações de trabalho. A aplicação de uma prática sindical combativa e mobilizadora consolidou a CUT como uma forte entidade de defesa das reivindicações populares no seio da classe trabalhadora. E com isso a CUT, hoje reconhecida como a maior e mais importante "novidade" no sindicalismo brasileiro e como uma das mais importantes organizações sindicais dos trabalhadores em todo o mundo. No entanto, o Brasil dos anos 90, muito diferente do Brasil dos anos 80. As exigências de maior qualidade da ação e organização sindicais abrem um novo período histórico para a CUT.

Diante dessa realidade, temos presenciado duas vertentes mundiais que aprofundam a crise do sindicalismo e merecem aos trabalhadores:

- a primeira, constitui-se na postura de negação dessas mudanças e reforço da prática sindical reivindicativa e de contestação. E, com a pretensão de defesa de um sindicalismo socialista e revolucionário.

- a segunda, constitui-se na postura da adesão, levando os trabalhadores a uma prática moderna de conciliação e subordinação através da chamada parceria. No plano superior, essa concepção, aliada das teses neoliberais.

□ preciso avançar para uma concepção e prática alternativas a essas duas, a partir da herança e experiência de um sindicalismo classista, democrático, autônomo e combativo que a CUT acumulou até aqui. □ uma concepção e prática de participação conflitiva e autônoma onde o sindicalismo se qualifica para representar os trabalhadores nessa nova realidade, tendo como perspectiva o projeto histórico do socialismo democrático.

A crise do projeto sindical

Os desafios colocados para o sindicalismo determinam uma profunda reestruturação organizativa e de gestão sindical, poder-se-ia mesmo falar de uma verdadeira refundação dos sindicatos no Brasil.

E a CUT, qual projeto tem? Existem as bases de um projeto, mas o grande problema, a sua priorização e grande desconhecimento da maioria das lideranças e dirigentes. E que bases são essas desse projeto?

A fundamental , que numa realidade de liberdade e autonomia sindicais,os projetos sindicais estao referenciados e organizados globalmente nas centrais sindicais.E' preciso um amplo convencimento politico e principalmente uma pratica sindical onde a Central seja o espaço de potencializaçãe da açãe sindical dos trabalhadores.Os sindicatos na central nao perdem poder,ao contrario,ampliam o seu poder para uma intervençãe muito mais ampla.

A concepçãe de central que a CUT vem adotando,, de confederaçãe de sindicatos e,nao de uma central de representaçãe direta dos trabalhadores.Existem os dois modelos no mundo,e o conhecimento e analise dos dois , relevante.

E'urgente a CUT concluir o seu projeto de reestruturaçãe organizativa e de gestao sindical e,construir um amplo processo prioritario e planejado de estrategia de colocaçãe em pratica."(textos da Escola Sindical 7de10,sobre os desafios do sindicalismo e,de J.Lorenzetti,sobre "sindicalismo cutista:ruptura ou renovaçãe").

No campo geral da sociedade brasileira,o ano de 94 apresenta o grande desafio das eleicoes.Tem um significado profundo para as forcas democraticas e populares.Neste sentido,as "Diretrizes para elaboraçãe do Programa de governo Lula-94" apresenta elementos importantes.

"Quanto ao cenario nacional,a profunda degradaçãe da situaçãe economica e social faz pesar serias ameacas sobre a democracia politica no Brasil.

O prolongado periodo de crise que o pais enfrenta e a natureza da mesma indicam que nao estamos apenas diante de mais um fenomeno ciclico de recessao que criaria condicoes para um novo periodo de expansao.

Tudo aponta para um fenomeno mais profundo,de esgotamento de um modelo de desenvolvimento -centrado na industrializaçãe substitutiva de importacoes- que apresentou tres grandes momentos: nos anos 30/40,no governo Jk e na ditadura militar.

Estas tres experiencias,que contribuiram para o Brasil tornar-se recordista de crescimento no seculo XX,foram ao mesmo tempo marcadas por um crescimento excludente,com enorme concentraçãe de renda,acompanhada do reforçamento de um Estdao,autoritario e privatizado,e da supressao,ou,no minimo,tutela de democracia.

Cada uma dessas experiencias se viu confrontada com seus proprios limites,pondo na ordem do dia a questao das reformas estruturais.Em cada uma dessas circunstancias historicas de crise nao houve forcas sociais e politicas a altura do desafio das reformas estruturais.

Hoje,talvez pela primeira vez na historia republicana,esta forza existe.O desafio pode ser enfrentado,ainda que as condicoes para faze-lo sejam dificeis.

A crise economica de 13 anos nao tem possibilidade de ser resolvida atraves dos classicos projetos desenvolvimentistas-burgueses.Para a burguesia brasileira sobra o nao-projeto liberal ou a resistencia erratica de setores do empresariado que sç conduz a um aprofundamento da crise.

Fica evidente a falencia do nacional-desenvolvimentismo e do neo-liberalismo.

Estao pois criadas as condicoes para que os trabalhadores hegemonizem um novo projeto de desenvolvimento,radicalmente distinto dos anteriores.

...O PT sç poder governar se a politica tiver sido socializada e se transformar na preocupaçãe de dezenas de milhoes de brasileiros e se o poder nao ficar confinado nas estruturas burocraticas de um estado construido para consagrar a dominaçãe burguesa na sociedade.

Isot significa a necessidade de combinar a ação institucional com a multiplicação de mecanismos de democracia direta: consultas, criação de organismos populares, controle social do Estado.

Devemos construir uma proposta de Estado de Direito, a partir de uma perspectiva de radicalização da democracia, o que significa, a ampliar do espaço público e integrá-la em todas as suas dimensões - econômica, social, política e cultural... Uma tal concepção de democracia supõe hegemonia dos trabalhadores.

Estas questões estão colocadas na atual conjuntura."

Matoso caracteriza a crise nos seguintes termos: "A crise brasileira dos anos 80 e que se prolonga até hoje, uma crise de esgotamento de um padrão de desenvolvimento excludente associada a eclosão da Terceira Revolução Industrial nos países avançados".

"... Contrariamente a outros países e apesar do rastro de recessão, desemprego e permanente ameaça de desindustrialização, economia social e de retrocesso democrático provocados pela "alternativa" neoliberal, a economia e sociedade brasileira apresentaram resistências significativas ao projeto conservador. Estas resistências foram resultantes de movimentos de trabalhadores organizados, de interesses regionais e até mesmo de importantes grupos empresariais...

No entanto, a construção de uma real alternativa ao neo-liberalismo, capaz de galvanizar a nação em torno da articulação de um novo projeto nacional não se constituiu como corolário deste movimento de resistência. As dificuldades do enfrentamento simultâneo das dificuldades do presente (redefinição de um novo padrão nacional de desenvolvimento em meio a desestruturação da ordem econômica internacional) para resolver as consequências do passado (de atraso, exclusão, miséria e desigualdade) e do futuro (colocado pelo novo paradigma tecnológico e produtivo a partir da emergência da Terceira Revolução Industrial) são extraordinárias e têm sido dificultadas, sobrevivendo uma reação organizada.

Esta reação organizada visaria a negociação de um verdadeiro projeto nacional que, no entanto, seria muito distinto do desenvolvimentismo, seja pelo necessário reconhecimento das dificuldades de coordenação econômica de um Estado privatizado e imobilizado, seja porque as possibilidades de uma economia fechada e de determinadas políticas econômicas se reduziram, seja porque os trabalhadores não serão aliados passivos e subordinados, como antes o foram". trata-se de se articular a formação de um bloco social "produtivo-distributivo" capaz de enfrentar os desafios da terceira revolução Industrial e a lenta gestação de um novo padrão de desenvolvimento com distribuição de renda em meio às atuais transformações do capitalismo mundial".

Para Matoso, "Portanto, para preservar e/ou ampliar sua participação social, um duplo desafio se colocaria. Por um lado, ter a capacidade de romper com dogmas e corporativismos, incorporando a democracia não apenas como valor universal e elemento constitutivo da sociedade futura, mas também como espaço de criação de novos direitos e de crítica social. Por outro, romper o defensismo e as práticas reativas, que foram resultado dos anos de resistência e da ausência de efetivos canais de negociação assumindo propostas que fortaleçam a centralização nacional da negociação e da contratação coletiva e sejam capazes de responder aos anseios dos trabalhadores ampliando a solidariedade com os excluídos e articulando-se com outros setores sociais, na defesa do futuro da própria nação. Isto implicaria em romper com uma tradição que se apropriou exclusivamente da dimensão produtiva do processo de

produção e das relações de trabalho padronizadas que lhe foram próprias, para ampliar-se a novos agentes, novas forças e movimentos sociais que muitas vezes se situam fora do processo de valorização".

Para o campo da PNF, na introdução ao Plano de Trabalho de 1993, via-se a necessidade de "ampliar o debate da PNF", a partir de que, "O ano de 1993, especial para a CUT, que em agosto completa sua primeira década de existência...

O ano de 93 constituiu-se num momento privilegiado para ampliar o debate sobre a PNF. Esse debate, ao estar articulado com a programação dos 10 anos de CUT, pode ser uma motivação maior para que possamos apreciar o papel da PNF na construção da CUT, seus limites e desafios".

Os "macro-problemas e desafios são diagnosticados":

O VI ENAFOR, realizado em SP, no período de 14 a 17 de dezembro passado, identificou como macro-problemas e desafios da PNF o envolvimento das direções no trabalho de formação (constatou-se grande desconhecimento sobre a PNF), a criação de um sistema de avaliação do trabalho realizado e a implantação de uma política de auto-sustentação financeira da PNF".

Como enfrentá-los? "O VI ENAFOR aprovou para 1993 a realização de um amplo debate sobre a PNF-CUT, envolvendo sindicatos, todas as atividades de formação, plenárias estaduais e Plenária nacional da CUT. Esse debate deve servir como fundamental do balanço de 6 anos de PNF e apontar medidas que o VI ENAFOR, a ser realizado em dezembro de 93, deve adotar na perspectiva de corrigir problemas e consolidar a PNF como contribuição relevante da construção da CUT no próximo período".

Da mesma forma, o Documento "7 Anos de PNF", avalia: "Desde os primeiros seminários de sensibilização realizados em 1987, já avançamos muito. Criamos estruturas, construímos programas, debatemos incansavelmente nossa concepção metodológica e buscamos construir nossa auto-sustentação financeira."

O parágrafo seguinte, caracteriza as etapas :

Por, medida que avançamos, novos e maiores desafios nos são colocados. Hoje nossas responsabilidades são mais complexas, sinal de que superamos algumas etapas de implantação e nos deparamos com problemas típicos das etapas de consolidação e ampliação".

Mais uma vez, a antiga dificuldade: "No entanto achamos que os avanços até aqui realizados ainda não são de compreensão e apropriação do movimento sindical cutista como um todo.

Largos setores da CUT ainda não estão convencidos da importância estratégica da formação para a consolidação do projeto cutista. Outros já se convenceram teoricamente, por, pouco realizam na prática para o fortalecimento da política de formação da Central. É certamente, muito do que foi criado até aqui não, do conhecimento de grande parte dos cutistas.

Temos a histórica tarefa de realizar um debate nacional para que a formação seja uma preocupação de toda a Central, e portanto passe a ser assumida pelo conjunto dos cutistas, tanto na sua elaboração quanto na sua execução e permanente avaliação. Esperamos realizar uma discussão aprofundada em todas as instâncias e fóruns da Central para que a formação passe a ser efetivamente uma preocupação de toda a Central e não apenas de formadores, dirigentes e assessores de formação", conclui o documento.

O Documento acima,cita os passos dados: etapas de implantação,e hoje problemas t picos das etapas de consolidação e ampliação.

A etapa atual,aberta com o VII ENAFOR,pode ser caracterizada como de transição da consolidação para ampliação da PNF;isto é,um salto de qualidade,no sentido de construção do SNF.

Os avancos da PNF,refletem-se na legitimidade que encontra no conjunto da CUT.Neste aspecto,a Pesquisa realizada com os delegados da VI PLENARIA (93),sao significativos.

A Pesquisa foi apontada como uma necessidade pelo VI ENAFOR.

Estiveram presentes na Plenaria 349 delegados,sendo que,foram respondidos 96 questionarios correspondendo a cerca de 30% dos delegados.

. Um alto percentual de delegados(87%) tinham participado de alguma atividade de formação;

. A maioria (66%),mesmo nao tendo participado de atividades formativas,tem clareza da importancia da formação na capacitação para a pratica sindical;

. 93% entende que a formação  , tamb,m responsavel por principios desejaveis a uma pratica sindical avancada.

Em relacao aos Programas, evidencia-se o criterio da "eficacia",apontado por Eder como um dos principais elemetos da matriz sindical nos anos 70.Assim:

A Pesquisa revela como prioritarios os 4 programas:

PT/OLT,PASC,CEPS e NC.

Enfim,tematicas que estao relacionadas as questoes "  ,tuais". do movimento sindical: desde as definicoes basicas de concepcao e estrutura(CEPS),a tematica que relaciona com as mudancas de processo de trabalho e organizacao nas bases(PT-OLT),e os problemas de administracao politica das maquinas sindicais(PASC),e,os elementos para negociacao(NC).

Portanto,o criterio de "eficacia" expressa o grau de organicidade refletido na relacao "formacao--organizacao(acao)",ou,tambem,o grau de "citidianidade" dos programas.

Para os delegados que j participaram de atividades de formacao(como educando ou educador),os Programas prioritarios sao:

CEPS,20%

NC  ,11%

PASC,15

PT.OLT,27%

FD,10%

Para os que j participaram de atividades de formacao(como educador):

CEPS,34%

PT.OLT,34%

PASC,8%

NC,8%

Para os que participaram como educando:

CEPS,22%

PASC,12%

NC,11%

PT.OLT,25%

FD,9%

FTR,8%

Contudo, legitimidade não significa "consenso e participação ativos", na construção da PNF. Ao contrário, legitimidade pode expressar um "consenso passivo", mero entendimento, destacando a importância da PNF, mas sem um engajamento efetivo. • o que notifica o Documento dos "7 Anos de PNF":

"Largos setores da CUT ainda não estão convencidos da importância estratégica da forma... Outros já se convenceram teoricamente, porém pouco realizam na prática... É certamente, muito do que foi criado até aqui ainda não, do conhecimento de grande parte dos cutistas".

No VI ENAFOR, de onde surgiu a proposta da Pesquisa, constatou-se que

"...identificou como macro-problemas e desafios da PNF, o envolvimento das direções no trabalho de forma (constatou-se grande desconhecimento sobre a PNF)..."

Entretanto, os dados da Pesquisa revelam um reconhecimento importante do já feito. Porém, como se tivéssemos a PNF, tal qual o mito de JANUS: uma face voltada para o passado, outra para o futuro. No entanto, são duas faces da mesma moeda. Uma face, reflete o acúmulo feito, digno de estar legitimado na Central. Outra face, assinala os impasses e desafios, os macro-problemas. Isola-las seria fazer a política do avestruz ou de aprendiz de feiticeiro: trabalhar contra o real e, execociza-lo

Outro elemento que viria tornar mais complexo o campo da crise, seria a ampliação do agente Escolas sindicais, a

fundação das Escolas orgânicas: SP, Centro-Oeste e DF.

A fundação da Escola de SP, a partir do trabalho realizado no INCA, trouxe para esta última entidade a necessidade de rediscutir seu papel, processo, na verdade, já iniciado em 1991

A discussão apontou para um corte institucional do INCA abrangendo o conjunto de forças do campo democrático e popular.

O Documento do INCA, "Apresentação Institucional" (1993), assinala os momentos da instituição.

"Num primeiro momento, o trabalho desenvolvido pelo INCA centrou-se na socialização com o conjunto de dirigentes mais destacados deste campo de todo um conhecimento sobre a própria trajetória de luta e organização popular, nacional e internacional, e das análises elaboradas neste processo sobre a sociedade brasileira e seus mecanismos de opressão e exclusão.

Sediamos também importantes processos de debate que contribuíram para a afirmação das concepções que vieram a se consolidar neste campo sobre o papel dos diversos instrumentos de organização popular e suas relações entre si e com o Estado.

Além disso, desenvolvemos e sistematizamos elementos a respeito da própria metodologia de trabalho formativo coerente com a prática social dos setores aos quais o nosso trabalho se dirigia e sua relação com os processos organizativos em desenvolvimento.

Cumprido este primeiro momento mais voltado aos dirigentes de ponta das organizações populares nacionais, tornou-se primordial contribuir com a multiplicação das atividades formativas em escala nacional e a recriação dos elementos metodológicos e de

conteudo desenvolvidos de maneira geral frente as especificidades de cada movimento ou instancia.

Portanto,o segundo momento do trabalho do instituto,que podemos situar em linhas gerais,entre 1989-1992,centrou-se na integração a construção de politicas e estruturas de formação dos proprios movimentos,com especial enfase no sindicalismo,...

Alem de contribuir com a propria elaboração decorrente da sua experiencia neste processo,o INCA desenvolveu cursos experimentais dos programas que viriam a compor estas politicas de formação dos diversos movimentos,dirigidos basicamente a militancia intermediaria (dirigentes estaduais e de municipios de destaque).

capacitou tambem,atraves dos cursos de formação de formadores,grande parte daqueles que viriam a assumir o papel de implantar e desenvolver estas estruturas organicas de formação.

Os resultados desse processo,com uma grande diversidade de ritmos e possibilidades em cada movimento,se fizeram sentir,e o mais significativo deles foi a criação de uma Escola nacional da propria CUT...que passa a cumprir no ambito sindical boa parte do papel que o INCA,atraves de um convenio,durante muito tempo desempenhou.

Constatamos,assim,uma tendencia a consolidação das estruturas de formação proprias de cada movimento enquanto paralelamente assiste-se a emergencia de novos sujeitos sociais e tematicas que nao se enquadram em una divisao cristalizada entre as esferas de movimento popular,movimento sindical e partidos politicos.

Diante de este cenario,o INCA colocou-se o desafio de a partir de 1993 ingressar em um terceiro momento da sua existencia".

Neste quadro,o VII ENAFOR foi um espaco privilegiado para o debate da PNF.A situação foi caracterizada como de CRISE DE ORGANICIDADE.Surgiram elementos de propostas na perspectiva de "AVANÇAR DA ORGANICIDADE DA PNF".

Que significa,neste contexto,a "crise de organicidade"?

O texto de Paulo carvalho,enviado para o CONAFOR(fev.94),recupera os debates realizados sobre a questao:

"Apesar do marcante trabalho de construção e consolidação de uma PNF desenvolvido sistematicamente a partir de 1987,tal discussao at, o ano de 93 nao chegou ao forum decisorio maximo da Central,sendo apenas referendado pela Executiva nacional. □ importante recuperar que j em 1987 no texto com a primeira elaboração sobre os principios para uma pNF,o secretario de formação afirmava que esta "dever ser aprovada no Congresso Nacional da CUT,apos uma ampla discussao em todos os niveis e instancias".

Vimos que,na primeira etapa da PNF,na gestao de Ana Lucia,esta quest o j estava presente.

Segue Paulinho"

"O VII ENAFOR,retomou essa discussao com toda forca.Secretarios de formação e assessores responsaveis pela formação sindical cutista da maioria dos Estados refletiram em profundidade sobre o que se convencionou chamar de "crise de organicidade da formação",caracterizando-se a construção da PNF como algo ainda restrito aos dirigentes e assessores da formação,nao tendo se espreado para o conjunto da Central.

Tendo ocorrido a menos de 6 meses do V CONCURTO,o momento foi considerado mais do que oportuno para se buscar ampliar o debate para o conjunto da militancia,de forma que o CONCURTO possa deliberar sobre o assunto".

Desse ENAFOR,saiu um texto para ser incluido na possivel Tese Unica do Congresso.

A partir do Seminário da Escola Sindical SP (nov. 93), um relatório em forma de artigo explicitava:

"Vivemos uma crise de crescimento, sendo necessária uma profunda reflexão sobre ORGANICIDADE, entendida esta em dois aspectos fundamentais:

1. a organicidade do sistema formativo (como tem se dado o relacionamento entre as várias instâncias de direção política da formação - SNF, SEFs e SRFs - e destas com as Escolas sindicais, ONGs e Universidades;

2. e a organicidade dos programas formativos, isto é, como tem sido a relação entre as atividades formativas e as demandas político-organizativas da Central e dos sindicatos" (Boletim da CUT-SP; texto assinado por Duvanier P. Ferreira e P. Carvalho).

O amplo debate ocorrido sobre a PNF, talvez pela primeira vez, resultou em vários textos, posteriormente debatidos no VII ENAFOR. Vejamos alguns desses textos, no sentido de caracterizar e diagnosticar o quadro da PNF.

"A crise da formação reflete a crise maior da transição cutista, de confederação de sindicatos para uma central sindical. O elemento mais caro, o da organicidade da formação, pois, a crise da CUT, antes de tudo, uma crise de organicidade estrutural e política".

É para apontar o avanço do trabalho feito, "Neste sentido, precisamos refletir sobre o que temos realizado até agora. Vivemos uma crise onde é necessário uma profunda reflexão sobre organicidade, que leve em conta dois aspectos fundamentais, a organicidade do sistema formativo (como tem se dado o relacionamento entre as várias instâncias de direção política da formação - SNF, SEFs, SRFs - e destas com as escolas sindicais, ONGs e universidades) e a organicidade dos programas formativos, isto é, como tem sido a relação entre as atividades formativas e as demandas político-organizativas da Central e dos sindicatos"

Extrato do Documento assinado pela Escola Sindical SP, SEF-SP e INCA e para ser discutido no ENESFOR-SP.

Do Sindicato dos Bancários de SP, vinha um texto interessante para o ENESFOR-SP; em certa altura fala da PNF:

"Nós que atuamos a nível de um Sindicato, ainda que um dos maiores da CUT, reconhecemos nossa impossibilidade de compreender em sua amplitude a PNF e todos os seus desdobramentos. Por, é muito claro para nós que nossas incompreensões não se devem a desinteresse, mas ao próprio modo como vem sendo definida e implementada a PNF, que acaba deixando de fora da discussão alguns atores fundamentais, os sindicatos".

Esse extrato faz parte do parágrafo sobre a estruturação da escola Sindical de SP. Afirma a realização das atividades previstas e anota: "porém, o trabalho político-organizativo em torno da Escola foi fragil, de tal forma que este chamado "ano de implantação" deverá se estender também para o próximo".

Do ENESFOR, sairia um documento para o VII ENAFOR:

"Que este VII ENAFOR retome o debate sobre a PNF, com vista a superação de debilidades detectadas durante o último período, buscando estabelecer:

1. Um novo patamar de organicidade da formação sindical cutista, entendida esta como a tradução concreta da tal falada relação entre FORMAÇÃO e ORGANIZAÇÃO, fazendo com que as discussões e definições sobre a política de formação não continuem restritas aos fóruns de dirigentes e assessores da área de formação.

2. Para isso, propõe-se que desencadeemos a partir do ENAFOR, um amplo processo de discussão com as entidades sindicais cutistas (com atenção especial aos sindicatos) sobre o papel da formação na construção de nosso projeto político-sindical;

3. Tal processo deverá ser um aspecto a mais dentro do período congressual que se concluir com a realização do V CONCURTO, em junho de 1994."

Propõe uma concentração de esforços na construção de espaços para debates sobre a PNF. É um método de discussão que garanta o máximo de participação e democracia, sendo necessária a elaboração de documentos amplamente divulgados e "venham a ser debatidos nacionalmente em um ENAFOR extraordinário".

Para o ENAFOR, veio um documento da Escola Sindical-MG, apontando 3 temas para reformulação da PNF:

1. organicidade: necessário avaliarmos a organicidade da formação cutista em relação ao próprio movimento sindical;

2. os programas: o ciclo dos programas nacionais (tal como estão formulados) se esgotou;

3. o esgotamento do padrão de financiamento da PNF.

Do V Encontro bahiano de Formação, com assinatura de Ailton Florencio (secretário de formação da CUT-Bahia), há um texto em que intitulado "Pensando o trabalho de formação da CUT. O documento pretende "...levantar questões sobre o processo de formação na CUT, buscando evidenciar que esta área de trabalho na Central necessita de um salto qualitativo e quantitativo. É imprescindível redesenhar prioridades, conteúdo, métodos, frente aos desafios para o movimento sindical Cutista nos anos 90". Ailton assinala que "A fragilidade histórica da PNF está concentrada exatamente na sua quase inorganicidade entre as estruturas de direção da CUT, dos sindicatos e dos militantes e da base. Por mais acertadas que tenham sido nossas políticas, elas não foram assumidas pelo movimento sindical cutista, quer sejam suas questões de conteúdo, de forma e estrutura".

Vale registrar o material recolhido no número 5, da revista Forma & Conteúdo: a visão de alguns dirigentes da CUT sobre a PNF.

Kjeld A.A. Jakobsen (tesoureiro da CUT nacional):

"É inegável o avanço da formação cutista nos últimos seis anos. A criação de instâncias como o ENAFOR e o CONAFOR, a sistematização da PNF e dos Programas, e o desenvolvimento das Escolas da CUT comprovam que podemos caminhar para a implantação permanente de um sistema de formação. Esta caminhada, entretanto, não se faz sem percalços e sem defeitos. Permito-me apontar alguns:

A PNF possui um programa amplo, que coloca os participantes em contato com temas atuais, porém sem capacitá-los a enfrentar os problemas. Não basta um dirigente sindical conhecer de "cor e salteado" concepção, estrutura e prática sindical. Além disso, ele necessita conhecer e saber usar as ferramentas necessárias para implantá-la em seu sindicato. O mesmo vale para técnicas de organização, planejamento, comunicação, matemática sindical, legislação trabalhista, etc.

.Seria necesssario desenvolver tambem um cadastro de participantes,criando um sistema de formaçãocom pre-requisitos e avaliacoes que possibilitassem um efetivo acompanhamento da formaçãocom comeo,meio e "fim",de cada ativista.isto nao ocorre hoje por deficiencia de nossa rede de formaçãodesde os sindicatos ate as escolas da CUT.

.Noto,ainda,entre os formadores,uma grande ausencia de atuais ou ex-dirigentes sindicais.Por maior que seja o valor do conhecimento academico e teorico,, de fundamental importancia somar o conhecimento pratico.

.Por ultimo,quero comentar o financiamento da formaçã.Os sindicatos investem muito pouco nessa area,fundamental para nossas respostas a conjuntura, • preciso mudar essa situaçãopara que a CUT possa auto-financiar pelo emnos seu sistema basico,diminuindo a dependencia em relaçãoa projetos de cooperaçã.

O depoimento de Kjeld,aponta as debilidades e assinala o horizonte: o sistema de formaçã.Sem duvidas,inspira-se no que existe na LO dinamarquesa.

Jos, maria de Almeida(1 Tesoureiro da CUT nacional):

...No entanto acho temeraria a afirmaçãque abre este debate:"A PNF vem se consolidando como uma politica estrategica para a Central.O conjunto das atividades desenvolvidas nesses 6 anos foram alicerçadas em prioridades colocadas no projeto sindical da CUT".

A direçãoda Central,em suas diversas instancias,a omecar da Executiva nacional,nao se envolve com as atividades da formaçãno grau necessario para que,de fato,essas atividades atinjam o seu potencial e umpram plenamente seus objetivos.Nao h ,a fundo,essa compreensao entre os dirigentes que nao sao os diretamente responsaveis pela formaçã.A consequencia disso , que os dirigentes nao participam das atividades de formaçã,e portanto nao ajudam a potencializa-las politicamente.Alem disso,que j , suficientemente grave,nao incentivam e nem trabalham com afinco para que os quadros intermediarios da central,a primeira linha dos sindicatos,participem dos cursos,seminarios,etc.

Isso empobrece politicamente as atividades,e limita a formaçãdos dirigentes dos sindicatos e da Central.A nao priorizaçãdessa questao leva a descontinuidade da formaçã,faz com que muitas atividades tenham participaçãinexpressiva,etc.Em suma,limita muito o potencial da atividade da SNF no sentido de atingir seus objetivos. esse , um desafio que ainda est para ser superado."

Pedro Peloso(Secretario de formaçãda CUT-Para):

"Penso que o trabalho de formaçãno interior de uma central sindical como a nossa,nao deve merecer um simples "status" de Politica Estrategica.Concretamente,, preciso que haja reconhecimento e investimento de recursos humanos e financeiros para que tal politica seja,de fato,estrategica.Nesse sentido,considero que ainda est longe o dia em que a CUT -enquanto conjunto de seus sindicatos,instancias regionais,estaduais e nacionais- vai assumir a importancia estrategica do trabalho de formaçã.

Durval de carvalho(vice-presidente da CUT nacional):

"A formação na CUT, muitas vezes, esteve mais presente no imaginário coletivo das pessoas que têm sensibilidade para a formação do que resultado de uma prática política coletiva da Central. E não digo isso olhando apenas o universo da Executiva Nacional da CUT, mas olhando o conjunto da Central, desde o sindicato até, a sua estrutura horizontal nacional..

Creio, portanto, que tivemos vários momentos de construção da formação nesses dez anos. Por decorrência, acumulamos experiências com elementos positivos e negativos. Mas não podemos trabalhar com uma leitura de bem e mal. Deveríamos recuperar todos esses momentos para fazer um balanço dessa atuação e, a partir daí, elaborarmos o passo a frente: como vamos enfrentar os próximos dez anos.

O rumo que vem sendo construído, com alguns percalços aqui e acolá, me parece, indica um caminho mais vitorioso. Não só pela experiência institucional, por aquilo que está posto na SNF, mas por um conjunto de experiências que estão sendo construídas na Central. A SNF assume uma primazia, mas ela não é exclusividade. É positivo que ela não seja, e não queira ser, o destaque principal: se for, ela mata as outras experiências."

Portanto, com esse acúmulo, o debate teria que ocorrer em um patamar superior aos anos anteriores. Percebe-se, nos textos acima, a formação de um consenso ativo, debatido em vários momentos e instâncias. Mesmo que, muitas pessoas participassem das mesmas instâncias, o debate foi ampliado até chegar ao ENAFOR.

Nesse, as questões foram sistematizadas e propostas de encaminhamentos foram aprovadas. Três grupos temáticos aprofundaram as questões: 1. sustentação financeira; 2. Programas-Formação como processo-Organicidade; 3. Balanço da formação (incluindo: organicidade, programas, sustentação financeira, formação como processo, formação-organização-ação sindical, outros).

Como encaminhamento foi aprovada a realização de um ENAFOR extraordinário, logo após o V CONCUT, em agosto de 1994, com duas tarefas estratégicas:

1. concluir um amplo processo de discussão da PNF, a ser iniciado pelo CONAFOR, a partir de um texto básico;

2. à luz das resoluções do V CONCUT, estabelecer o Plano do triênio 94-97.

Um ponto importante no VII ENAFOR, foi o debate em torno da sucessão de Lorenzatti, na SNF. Com a tensão que requeria o tema, o debate centrou-se no aspecto da concepção de direção, seja das secretarias nacionais seja da própria CUT.

No CONAFOR (fev 94), formou-se uma comissão nacional para sistematizar o documento que servirá de guia para os debates pós CONCUT, no mês de julho; um seminário sobre PNF, por Estado. Decidiu-se pela realização de um CONAFOR Extraordinário (junho), para preparar os debates e o ENAFOR de agosto.

Esse ENAFOR terá papel decisivo, no sentido de, recolher o material dos debates e, produzir uma resolução política a ser encaminhada à nova Direção Nacional da CUT, e, posteriormente, a toda militância cutista.

.....

Considerações finais:

A partir dos elementos acumulados até então, podemos construir a hipótese de que existe um Sistema Nacional de Formação da CUT, porém ainda "restrito" (numa acepção gramsciana); os próximos passos, deverão apontar para sua "ampliação", condição para que se torne, efetivamente, um instrumento estratégico a serviço do projeto de hegemonia cutista.

- claro que esse SNF-CUT está relacionado à construção do projeto cutista, a nível estratégico; assim, questões como organicidade, programas, finanças e tantas outras, estão relacionadas com o destino da própria Central. Sem dúvidas, a política de formação porta autonomia, contudo, relativa.

Para além do "econômico corporativo"

O peso do elemento econômico-corporativo no sindicalismo brasileiro é de caráter estratégico, enquanto desafio a ser superado. Numa linguagem gramsciana, já que estamos no campo da hegemonia, um obstáculo à formação de uma direção moral-intelectual no campo sindical e, na sociedade, de uma vontade democrático-popular.

O econômico-corporativo, indica a confluência restrita de interesses imediatos e, a nível geral, indicativo de uma situação em que a escassez dos elementos da superestrutura (consciência, cultura, política, hegemonia) correspondem ao domínio de uma situação estrutural restrita, incapaz de expandir-se, isto é, de um consenso passivo, não democrático.

Revela, enfim, o reflexo de um primitivismo econômico que impede a expansão de uma consciência geral. A fase econômico-corporativa é necessária em todo tipo de instituição, contudo, não supera-la implica não se atingir a esfera diretamente política. O problema da superação da fase econômico-corporativa, o mesmo da passagem para dimensão hegemônica.

Nesse sentido, a "hegemonia integral", no campo do sindicalismo, define-se em 3 campos estratégicos de disputa:

1. no campo interno à própria CUT, enquanto formas de representação de sua base, seja a nível nacional (classe), seja a nível local, nas unidades de produção e serviço (organização nos locais de trabalho);

2. no campo conflitual/contratual da relação com o setor empresarial e de disputa capital x trabalho;

3. no campo do sistema político global; relação com Governo, Estado, Partidos, outras centrais sindicais, movimentos sociais diversos, enfim, a sociedade civil.

A construção do projeto da CUT, e de sua proposta de participação na construção de um projeto nacional democrático-popular, dá-se de forma desigual, no que diz respeito aos três campos, mas, de forma combinada.

Portanto, as debilidades no campo interno (hegemonia debil na questao da representaçãO, a nivel nacional e/ou local), interfere com os outros 2 campos; e vice-versa.

Ilustremos, a partir dos elementos do planejamento estrategico da CUT(1991), os nçs criticos, no campo interno da Central:

- .OrganizaçãO sindical de base
- .OrganizaçãO vertical
- .Politica financeira
- .OrganizaçãO setores medios-publicos

A analise de um ponto isolado dos demais, leva a posicoes sectarias no debate politico da CUT. Os problemas decorrentes da "debilidade hegemonica", sao tomados como "desvios", "erros", atribuidos a esta ou aquela corrente sindical. Por exemplo, quando se fala em "burocratizaçãO", perda dos "valores originais", etc, ve-se apenas o aspecto interno, isolado das questoes da formaçãO social do pais, da cultura corporativa, etc. E, haja pretextos para disputa interna.

Tais analises conduzem o debate ao nivel do que ocorreu no IV CONCURTO. Nao seconsolida, portanto, uma politica interna de construçãO de um "consenso ativo, expansivo e democratico" .

Ao nao abordar esses aspectos, a crise atinge o ambito da etica.

O Sistema de formaçãO, est em relaçãO com estas questoes da CUT. Pois, um SNF est relacionado a uma formaçãO integral (politica, tecnica, etica),, um dos elementos estrategicos para construçãO de uma hegemonia cutista de carater integral. Ambos devem funcionar como vasos comunicantes.

Antonio Candido, finaliza sua introduçãO a "FormaçãO da Literatura Brasileira" , com o sentimento de "estar fazendo um pouco da naçãO ao fazer literatura".

- o mesmo sentimento que temos: fazendo um pouco da naçãO ao fazer formaçãO!

"

Fevereiro 1994.

CLAUDIO NASCIMENTO,

Diretor FormaçãO do INCA.

BIBLIOGRAFIA:

1. Livros:

.CANDIDO, Antonio. Formacao da literatura Brasileira. Ed. Itatiaia, 1975

- . SADER,Eder.Quando Novos personagens Entraram em Cena.Experiencias e lutas dos trabalhadores da Grande Sao Paulo 1970-1980.Paz e Terra,1988
- .SADER,Eder(Raul Villa).Auto-critica da P.O.-Critica,revista teorica da tendencia socialista,n.01-jan/80
- .SADER,Eder.Movimento Operario Urbano.FASE,1984
- .DESVIOS,Revista.Ns.1,2,3.
- .SADER,Eder-SANDRONI,Paulo-Lutas operarias e taticas da burguesia.Cadernos PUC,n.7,1981
- .MANFREDI,Silvia.Educacao Sindical entre o conformismo e a critica,Loyola,1986
- .MANFREDI,Silvia.Politica:Educacao Popular.Ed.Simbolo,1978
- .MATOSO,Jorge.Trabalho e desigualdade Social no final do seculo XX.mimeo,1993
- .CELSO,Frederico.A Esquerda e o Movimento Operario(3 tomos).Oficina de livros.
- .AARAO,Daniel-SA',Jair Ferreira-Imagens da Revolucao.Ed.Marco Zero,1985
- .AARAO,Daniel.A revolucao faltou ao Encontro.Brasiliense,1990
- .PONTUAL,Pedro.Os Centros de Educacao popular na Conjuntura Brasileira,CEPIS,1986.
- .Pastoral Operaria,Separata Comunicado Mensal da CNBB.1979

- .Miguel M. Chaia-Cnhhecimento e organizacao sindical.A trajetoria do DIEESE.(Mimeo),